

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

2005

A Interpretação Simultânea sob a ótica da  
Linguística Aplicada

Autora: Anita Holm Thomsen Luciano  
Orientadora: Carmen Zink Bolognini

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp**

L963i	<p>Luciano, Anita Holm Thomsen. A Interpretação simultânea sob a ótica da lingüística aplicada / Anita Holm Thomsen Luciano. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.</p> <p>Orientadora: Carmen Zink Bolognini. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Interpretação simultânea. 2. Tradução e interpretação. 3. Omissão. 4. Desencadeadores de problemas. I. Bolognini, Carmen Zink. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p> <p>(oe/iel)</p>
-------	--

Palavras-chave em inglês (Keywords): Simultaneous interpreting; Translation and interpreting; Omission; Problem Triggers.

Área de concentração: Tradução.

Titulação: Mestrado

Banca examinadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Zink Bolognini, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Linda Gentry el-Dash e Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Deusa Maria de Souza.

Data da defesa: 25/02/2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

# A Interpretação Simultânea sob a ótica da Linguística Aplicada

Autora: **Anita Holm Thomsen Luciano**  
Orientadora: **Carmen Zink Bolognini**

---

**Profa. Dra. Carmen Zink Bolognini, Presidente**  
**Universidade Estadual de Campinas**

---

**Profa. Dra. Deusa Maria de Souza**  
**Universidade de São Paulo**

---

**Profa. Dra. Linda Gentry El-Dash**  
**Universidade Estadual de Campinas**

Campinas, 25 de fevereiro de 2005



# AGRADECIMENTOS

À profa. Dra. Carmen Zink Bolognini, orientadora competente e paciente, por ter ousado acreditar e por ter respeitado meu ritmo de trabalho.

Às professoras Linda Gentry El-Dash e Eunice Ribeiro Henrique, pelas importantes sugestões por ocasião do exame de qualificação.

A todos os professores do IEL e, em particular, à Rosemary Arrojo.

Aos meus professores da Faculdade de Aarhus que me iniciaram, com muita competência, nos “mistérios” da gramática portuguesa.

À Suzana e ao Fabrízio que gentilmente aceitaram participar e colaborar com este trabalho.

A todos os meus velhos amigos por fazerem sempre parte da minha vida, aonde quer que eu esteja.

À minha amiga Lotte com quem eu aprendi a não aceitar injustiças.

Ao Cônsul Geral da Dinamarca, Henrik Petersen, que sempre se disponibilizou a acertos necessários de horário para que eu pudesse cumprir com todas as minhas obrigações profissionais e acadêmicas.

Aos meus colegas no Consulado da Dinamarca e, em especial, ao Ferraz, pelas muitas risadas.

Por último (mas os últimos são sempre os primeiros), à minha família, que apesar da distância sempre esteve comigo, me apoiando em todas as horas e em todos meus projetos de vida.

Ao Rubens, meu complemento que eu amo de todo coração. Obrigada pela paciência e, em especial, pelo apoio e encorajamento sem os quais eu nunca teria terminado este projeto.



## RESUMO

Devido à escassez de pesquisas científicas na área da interpretação simultânea no Brasil, o presente trabalho se apresenta como um estudo piloto, cujo objetivo mais amplo foi o de abrir as portas para futuras pesquisas no campo, mostrando sua riqueza e complexidade enquanto objeto de estudo.

Assim, com a pretensão de dar um passo inicial em uma grande discussão, este trabalho inicia-se traçando uma breve história da interpretação e mapeando as pesquisas realizadas na área, desde seu início até a atualidade, contextualizando, desta forma, o quadro geral de pesquisas no qual está inserido o tema desta dissertação. Como parte desta proposta mais ampla, apresentou-se uma comparação entre a tradução e a interpretação, com o propósito de definir, a partir das características distintivas das duas, o nosso objeto de estudo: a interpretação simultânea.

O objetivo mais restrito desta pesquisa foi o de analisar os fatores lingüísticos envolvidos na interpretação simultânea que possam ser possíveis desencadeadores de problemas (*problem-triggers*) e, como tais, possam resultar em omissões na produção do intérprete. Com o suporte do modelo teórico de Daniel Gile sobre a capacidade de processamento na interpretação simultânea, analisaram-se duas interpretações realizadas por dois sujeitos, do inglês para o português, suplementadas pelos comentários retrospectivos destes.

A análise dos dados nos permitiu identificar várias situações em que fatores lingüísticos, de diferentes níveis, aparentam interferir na produção do intérprete, resultando nas omissões nela registradas.

**Palavras-chave:** interpretação simultânea, omissão, fatores lingüísticos, interpretação versus tradução, desencadeadores de problemas.



# ABSTRACT

Due to the scarcity of scientific research within the area of simultaneous interpreting in Brazil, the present work represents a pilot study with the broader aim of opening the door to future research within the field by exposing its richness and complexity as an object of study.

With the purpose of being an initial step in a larger discussion, this work thus starts by outlining a brief history of interpretation and mapping the research terrain in the field, from its beginning to present day, and thereby contextualizing the general framework of research of which the topic of this dissertation is part. As part of this broader aim, a comparison between translation and interpreting was presented with the purpose of defining our object, simultaneous interpreting, based on the distinctive features of the two modalities.

The more restricted aim of this research project was to analyze the linguistic factors involved in simultaneous interpreting that could be potential problem-triggers and, as such, could result in omissions in the interpreter's output. Based on Daniel Gile's theoretical model of processing capacity in simultaneous interpreting, two interpretations from English to Portuguese, produced by two research subjects, were analyzed, supplemented by their retrospective comments.

The analysis of the data allowed us to identify various situations, in the two interpretations, where linguistic factors, on various levels, seem to have interfered in the interpreter's output and have caused the omissions recorded.

**Key words:** Simultaneous interpreting, omissions, linguistic factors, interpreting versus translation, problem-triggers.



# RESUMÉ

Grundet manglen på videnskabelige undersøgelser indenfor simultantolkning i Brasilien fremstår nærværende opgave som et pilotstudie med det bredere formål at åbne dørene for fremtidig forskning indenfor området ved at fremstille dets rigdom og kompleksitet som studieobjekt.

Med det formål at tage det første skridt i en større diskussion indledes denne opgave således med en kort skitsering af tolkningens historie og en optegnelse af undersøgelser foretaget indenfor området, fra begyndelsen og frem til vore dage, hvorved vi kontekstualiserer det overordnede skelet af undersøgelser, som temaet for dette speciale hører ind under. Som del af dette bredere formål præsenteres desuden en sammenligning mellem oversættelse og tolkning med den hensigt at definere vores studieobjekt, simultantolkning, ud fra disse to modaliteters distinktive kendetegn.

Det mere begrænsede formål med dette projekt er at analysere de lingvistiske faktorer involveret i simultantolkning, der kunne være potentielle *problem-triggers*, og som sådanne kunne medføre udeladelser (dele af originalteksten, der ikke bliver oversat) i tolkens version. På baggrund af Daniel Gile's teoretiske model over processeringsevnen i simultantolkning udfører vi en analyse af to tolkninger fra engelsk til portugisisk foretaget af to forsøgspersoner og suppleret af deres retrospektive kommentarer.

Dataanalysen har gjort det muligt at identificere flere tilfælde i de to tolkninger, hvor lingvistiske faktorer på forskellige niveauer lader til at have vanskeliggjort tolkens produktion og har ført til udeladelser i denne.

**Nøgleord:** Simultantolkning, udeladelser, lingvistiske faktorer, tolkning versus oversættelse, problem-triggers.



Apesar de anos de pesquisa psico-sócio-lingüística, ninguém consegue entender como o cérebro consegue executar a interpretação simultânea sem ficar louco.

*Corinne Imhauser*  
Professora de Interpretação  
Institut Supérieur de Traducteurs et Interprètes (ISTI)  
Bélgica



# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
-----------------	---

## Capítulo 1 - Um pouco da História:

A Interpretação desde a Antigüidade até os dias de Hoje.....	7
--	---

1.1 <i>Verba Volant, scripta manent</i> – As palavras voam, os escritos ficam.....	7
1.2 Onde começa a História da Interpretação?.....	8
1.3 A Interpretação na Antigüidade.....	8
1.4 A Interpretação na conquista da América.....	10
1.5 A Evolução dos Métodos.....	13
1.6 A Profissionalização do Ofício.....	15

Capítulo 2 - Pesquisas em Interpretação.....	17
--	----

2.1 Da prática à ciência.....	17
2.2 O Período Preliminar.....	17
2.3 O Período da Psicologia Experimental.....	18
2.4 O Período dos Praticantes.....	20
2.4.1 Danica Seleskovitch: <i>La Théorie du Sens</i> .....	21
2.5 A Renascença.....	23
2.6 Enquadramento do presente estudo no contexto das pesquisas realizadas na área.....	25

## Capítulo 3 - Interpretação e Tradução

Uma abordagem contrastiva.....	27
--------------------------------	----

3.1 Introdução.....	27
3.2 A Oralidade.....	28
3.3 Tipos de Texto na Interpretação.....	30
3.4 O Fator “Tempo”.....	33
3.5 Aquisição de conhecimento e preparação.....	36
3.6 Completude ou não do Texto de Partida.....	38
3.7 Uma definição da interpretação.....	40
3.8 A Interpretação Simultânea.....	41

<b>Capítulo 4 - Fundamentação Teórica .....</b>	<b>43</b>
4.1 Introdução.....	43
4.2 O Modelo dos Esforços ( <i>Effort Model</i> ) de Daniel Gile.....	43
4.2.1 Problemas relacionados à capacidade de processamento.....	46
4.3 Fatores lingüísticos como desencadeadores de problemas?.....	48
4.5 Omissões.....	49
<b>Capítulo 5 - Materiais e Metodologia de Pesquisa.....</b>	<b>53</b>
5.1 Material e condições do experimento.....	53
5.2 Os sujeitos pesquisados.....	54
5.3 O método para levantamento dos dados.....	55
5.3.1 O estudo dos processos cognitivos: algumas considerações metodológicas .....	55
5.3.2 Problemas metodológicos relacionados ao uso da Retrospecção.....	57
5.4 Métodos para análise e avaliação dos dados.....	59
<b>Capítulo 6 – Análise dos dados.....</b>	<b>61</b>
6.1 Introdução.....	61
6.1.1 O nível fonético na IS.....	62
6.1.2 Ritmo da fala e a redução de vogais em inglês.....	62
6.2 O nível léxico-semântico na IS.....	65
6.2.1 Os <i>Phrasal verbs</i> .....	68
6.2.2 Palavras com baixa redundância.....	73
6.3 O nível sintático na IS.....	76
6.4 Variáveis temporais na IS.....	81
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>87</b>
<b>Sugestões para futuros trabalhos.....</b>	<b>90</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>91</b>
<b>Apêndice.....</b>	<b>96</b>

# Introdução

O Tribunal de Nuremberg marcou o nascimento da interpretação simultânea (doravante denominada IS). Naquela ocasião, devido ao impacto dos fatos que estavam sendo revelados, a importância da IS enquanto ferramenta de intermediação lingüística tornou-se mundialmente reconhecida.

No mundo cada vez mais globalizado e cada vez menor, a capacidade de comunicação interlingual torna-se um imperativo e condição para o diálogo entre povos e culturas. Seja no contexto de uma conferência internacional com participantes do mundo inteiro, em reuniões de negócio ou em debates na arena política, o papel do intérprete é crucial. Nos níveis mais altos da profissão, há intérpretes que trabalham por chefes de estado, em situações em que uma tradução errônea de um simples provérbio ou uma nuance alterada pode ter conseqüências sérias.

A execução paralela e concomitante das várias operações que compõem a IS faz dela um dos processos cognitivos mais complexos do ser humano. Por isso, a IS constitui um desafio importante para pesquisadores das áreas mais diversas, podendo ela possivelmente contribuir com informação não apenas sobre a atividade da IS em si, mas também sobre outros campos de estudo correlatos como, por exemplo, o processamento de linguagem, aquisição de segunda língua e teorias de tradução.

Enquanto campo de pesquisa, no plano internacional, a IS é relativamente nova, e no Brasil praticamente não existe pesquisa empírica ou teórica nessa área. A vasta maioria dos trabalhos já realizados nesta área focaliza essencialmente o “como” da IS, investigando

os processos cognitivos que possibilitam ao intérprete escutar e falar ao mesmo tempo. Assim, existem várias pesquisas que estudam os processos mentais, realizadas principalmente no âmbito da psicologia e da psico e neurolingüística.

A escolha da ótica para o presente estudo, entretanto, origina-se da convicção de que a Lingüística Aplicada possa contribuir consideravelmente ao campo de pesquisas, fornecendo informação relevante sobre aspectos relativos aos fatores lingüísticos e à sua influência nos processos envolvidos na IS.

A opção pela área da interpretação para meu trabalho de conclusão de mestrado, e mais especificamente pelos fatores lingüísticos envolvidos na IS, tem subjacente motivações de natureza pessoal. Meu interesse pela IS foi impulsionado, primeiramente, pelo fascínio do trabalho dos intérpretes nas transmissões ao vivo da Guerra do Golfo, em 1990. É difícil imaginar uma situação de trabalho com tamanha tensão e pressão em que a tradução do intérprete pode ser determinante para as atitudes tomadas por políticos nos mais altos escalões.

Incentivada por meu fascínio de longa data e já determinada a investigar a IS para meu projeto de mestrado, porém sem ter optado por uma orientação mais específica para a pesquisa, resolvi “botar a mão na massa” e tentar fazer uma interpretação simultânea. Acostumada a fazer traduções escritas e sendo fluente nas línguas que optei para o “experimento”, não esperava encontrar muitas dificuldades em realizar a tarefa. Para minha surpresa, entretanto, não só experimentei dificuldades em fazer a interpretação, como, de fato, acabei omitindo grandes partes do texto na minha produção.

Essa experiência aguçou em mim a curiosidade de compreender por que razão eu experimentei tamanha dificuldade em realizar uma IS, embora eu tivesse entendido perfeitamente todas as palavras ouvidas na língua de partida. Ainda que ciente de que a

realização profissional da IS pressupõe um treinamento especial, surgiu, em meio às especulações sobre o que poderia ser a causa dessas dificuldades, a hipótese de que os problemas que resultaram em omissões na minha IS talvez fossem causados não só pela falta de técnicas tradutórias e pela falta de experiência, mas também por fatores lingüísticos, isto é, propriedades intrínsecas da linguagem.

Diante do cenário apresentado, a pergunta de pesquisa para o presente trabalho tomou forma:

**Quais são os fatores lingüísticos que podem causar omissões na interpretação simultânea?**

Assim sendo, este trabalho visa realizar um estudo piloto com o objetivo de fornecer subsídios teóricos, a partir da Lingüística Aplicada, para uma análise dos fatores lingüísticos envolvidos na IS que possam causar omissões no desempenho do intérprete. O material empírico a ser analisado para este propósito foram duas IS, do inglês para o português, realizadas por dois sujeitos de pesquisa.

A natureza do estudo, enquanto projeto piloto, também implica que outra meta principal foi estabelecer uma fundamentação para próximos trabalhos na área. Para investigar os fatores lingüísticos, a análise das interpretações do experimento precisava ser feita em vários níveis lingüísticos. Em virtude disso, é nossa esperança que o presente estudo possa contribuir com uma série de tópicos, lingüística e teoricamente interessantes, para futuras pesquisas.

O presente estudo se justifica, dessa maneira, pelo intuito de contribuir com uma pesquisa cujos resultados, de natureza indiciária, talvez possam nos ajudar a chegar a um

melhor entendimento dos fatores lingüísticos envolvidos na IS e, possivelmente, despertar o interesse de pesquisadores para a área.

Além de expor, nesta apresentação, as motivações e justificativas que sustentam o estudo, julgo pertinente também fazer um breve esclarecimento acerca da inclusão dos dois primeiros capítulos desta dissertação. Devido à escassez de pesquisas científicas na área da IS no Brasil, dedicarei um pouco de tempo e espaço, nesta dissertação, à introdução à história geral da interpretação e ao quadro de pesquisas realizadas dentro da área. Assim sendo, os dois primeiros capítulos, que tratam desses temas, pretendem servir como uma contextualização do presente trabalho.

### **Os limites do trabalho**

A primeira e mais óbvia limitação deste estudo decorre do número de sujeitos que participaram do experimento da investigação. Julgo importante enfatizar, nesta apresentação, que reconheço o fato de que 2 sujeitos representam uma amostra muito pequena para se tirarem conclusões gerais e de longo alcance. Ao mesmo tempo, porém, esta amostra poderá ser indicadora de tendências e motivadora de trabalhos mais abrangentes na área da interpretação.

Embora os diferentes aspectos e problemáticas específicos tratados neste trabalho tenham sido selecionados com base em critérios de pertinência em relação ao objeto de estudo, não ignoro o fato de que uma escolha implica sempre muitas exclusões, e que outras questões poderiam ter sido colocadas.

A questão da subjetividade é, sem dúvida, um desses aspectos que, embora esteja latente em muitas das questões colocadas ao longo do trabalho, é tratada apenas

superficialmente. A influência da subjetividade nas escolhas que fazemos permeia grande parte do trabalho e não só no que concerne aos sujeitos pesquisados como também à própria pesquisadora com respeito às interpretações e análises realizadas.

Assim sendo, serão analisadas, neste estudo, somente fatores lingüísticos envolvidos na IS, mas deve-se ressaltar que, apesar de não serem tratados em detalhe, vários tópicos estão a estes relacionados, como, por exemplo, a questão da qualidade na interpretação (em que consiste, do ponto de vista do intérprete e do receptor do discurso, a qualidade da interpretação), as estratégias tradutórias envolvidas na IS e a fase preparatória anterior à tarefa, dentre muitos outros, todos temas vastos para outros estudos.

## **Organização do trabalho**

O presente trabalho está organizado em torno de 6 capítulos nucleares precedidos de uma Introdução e terminando com uma curta Conclusão.

Na Introdução, há a apresentação da problemática central do estudo, seguida de uma apresentação das motivações pessoais, uma demarcação dos objetivos, justificativas e limitações.

O primeiro capítulo apresenta uma breve história da interpretação, no Brasil e no mundo.

O segundo capítulo dedica-se a desenhar o quadro geral das pesquisas em interpretação, desde seu início, nos anos 50, até a atualidade.

Na tentativa de chegar a uma definição da interpretação, será esboçada, no capítulo 3, uma demarcação dos limites entre a tradução e a interpretação, com ênfase nas

características que constituem as principais diferenças entre as mesmas. Formula-se, a partir dessas características distintivas, uma definição da interpretação tal como será utilizada neste trabalho. A última parte deste capítulo dedica-se à descrição da IS, objeto específico do presente estudo.

No capítulo 4, tem-se a Fundamentação Teórica em que, primeiramente, é apresentado o modelo de Daniel Gile sobre a capacidade de processamento na IS, que servirá como quadro teórico fundamental para a investigação. Na última parte deste capítulo, serão apresentadas e discutidas diferentes definições de omissões na literatura antes de decidirmos pela abordagem mais adequada para as finalidades desta pesquisa.

No capítulo 5, são apresentados o material e a metodologia utilizados para o experimento, os participantes no estudo, as técnicas utilizadas para o levantamento dos dados e o modo como estes foram analisados.

No sexto capítulo, apresentam-se a análise dos dados e a discussão dos resultados.

Por último, desenvolvem-se as considerações finais e as conclusões, avaliando e qualificando os diferentes aspectos analisados em todo o trabalho.

Encerro a dissertação com sugestões para futuros trabalhos.

# Capítulo 1

## Um pouco de História: A Interpretação desde a Antigüidade até os Dias de Hoje

### **1.1 - *Verba volant, scripta manent* - As palavras voam, os escritos ficam**

A palavra oral é evanescente. Quando documentos escritos foram deixados, ou se tradutores trabalharam com eles, é mais fácil o trabalho da reconstrução dos fatos históricos. Mas enquanto os escritos ficam, as palavras orais voam e, devido à escassez de registros confiáveis nos anais da história, a pesquisa sobre a atuação dos intérpretes na Antigüidade é um trabalho extremamente penoso.

No entanto, apesar da natureza efêmera do seu trabalho, a presença dos intérpretes pode ser inferida por meio de inúmeras referências através dos tempos. O nosso conhecimento da atuação dos intérpretes no passado deriva das mais variadas fontes, tais como cartas, diários e memórias dos próprios intérpretes, assim como de documentos que apenas marginal ou incidentalmente se relacionam com a interpretação (BOWEN et al., 1998). Assim, segundo Bowen et al., a tarefa de reconstruir a história da interpretação consiste em “coligir um mosaico de fatos, comparando as peças reunidas e tentando determinar o que aconteceu efetivamente” (ibidem, p. 257). Proponho que iniciemos a construção do nosso pequeno mosaico da história da interpretação nos primórdios das civilizações, ou seja, no começo do começo.

## **1.2 - Onde começa a História da Interpretação?**

O mito bíblico da Torre de Babel<sup>1</sup> conta a história de um tempo em que todos os povos falavam a mesma língua (Gênese 11:1-9). Conduzidos pelo desejo de chegar aos céus, os homens planejavam a construção de uma torre alta. Esse projeto ousado e audacioso não agradou a Deus, que os puniu ao criar uma multiplicidade de línguas para que os homens não pudessem se comunicar entre si para realizar o plano.

Embora o mito babélico não possa ser utilizado como evidência histórica, ele pode ser visto como uma metáfora do momento de nascimento da interpretação: a multiplicidade de línguas tornou necessária a tradução para possibilitar a comunicação entre os membros de grupos lingüísticos diferentes.

Etimologicamente, a palavra “intérprete” deriva do termo latim *inter-pres* que se refere a um mensageiro, um intermediário ou um negociador (HOUAISS, 2001). O intérprete é, portanto, uma pessoa que serve como intermediária entre dois ou mais indivíduos de forma a fornecer o necessário para a comunicação entre duas línguas. Desde os primórdios das civilizações até os dias de hoje, a tarefa de dissolver as barreiras lingüísticas coube e cabe aos intérpretes.

---

<sup>1</sup> Jacques Derrida publicou, em 1985, um livro intitulado “Des Tours de Babel” no qual analisa esse mito. Entretanto, as problemáticas levantadas neste livro, relativas ao desconstrucionismo e à tradução, fogem ao escopo deste trabalho.

### **1.3 - A Interpretação na Antigüidade**

A evidência histórica mais antiga do emprego de intérpretes são inscrições encontradas nos túmulos dos príncipes de Elefantina, no Antigo Egito, que datam do terceiro milênio a.C. (KURZ, 1985). A primeira referência aos intérpretes nos anais da história está nos textos do historiador Heródoto (aprox. 485-425 a.C.) (BERTONE, 1989), que os inclui entre as corporações profissionais no Egito. Trata-se dos denominados “hermeneutas”, intérpretes dos faraós e dos reis da Pérsia. A palavra “hermenêutica” é uma antiga palavra grega que significa “interpretar” e que vem do deus Hermes, mensageiro da palavra dos deuses para os mortais (BERTONE, 1989).

O papel de intérprete do sagrado era, no entanto, só uma das muitas funções dos intérpretes na Antigüidade. Além de o serviço dos intérpretes ser usado na vida religiosa, eles também atuaram na administração pública, no comércio e nas forças armadas (KURZ, 1986). O serviço dos intérpretes militares foi essencial em tempos de guerra: os exércitos sempre precisaram do seu auxílio para, por exemplo, fazer e manter aliados, negociar com o inimigo e para se comunicar com os vários povos conquistados (BOWEN et al., 1998).

Os romanos, diferentemente dos gregos e dos egípcios, que adotaram uma atitude soberba frente aos “bárbaros” e não davam valor a outras línguas, muitas vezes eram bilíngües (KURZ, 1985). No entanto, é curioso observar que, por motivos de prestígio, os representantes do Estado muitas vezes usavam intérpretes mesmo quando seu serviço não era necessário por motivos de compreensão, simplesmente para ressaltar a superioridade do império romano (ibidem).

Vale lembrar que a interpretação era uma profissão pouco reconhecida na Antigüidade. A maioria dos intérpretes eram escravos ou membros de uma “subcasta”,

híbridos étnicos, prisioneiros de guerra e, na maioria das vezes, de sexo feminino. Segundo Bowen et al., a posição social desfavorável dos intérpretes na Antigüidade pode explicar parcialmente o motivo pelo qual eles raramente eram mencionados na literatura daquela época (BOWEN et al. , 1998: 258).

Na Idade Média, a interpretação começa a ser mais valorizada e é mencionada com frequência crescente nos anais da história. Na Renascença, o mesmo ocorre, em escala ainda maior, devido ao interesse pelas línguas estrangeiras, provocado pelo humanismo e, depois, movido pela necessidade de intermediários nas expedições de conquista ultramaras dos europeus (BOWEN et al., 1998).

#### **1.4 - A Interpretação na conquista da América**

*A linguagem sempre foi o instrumento perfeito do império.*

Esse foi o argumento usado por Antonio de Nebrija, Bispo de Ávila, ao apresentar à Rainha Isabel a primeira gramática da língua castelhana, publicada em 1492, no mesmo ano que Colombo chegou à América. Nos anos que seguiram à publicação, a visão de Nebrija veio a se mostrar profética ao passo que os europeus expandiram seu reino além do Atlântico. Era profética uma vez que, durante a conquista da América e nos séculos de colonialismo, a língua foi usada pelos europeus como instrumento de dominação e conquista para consolidar o poder político, propagar o catolicismo e unir o império.

A partir do séc. XV, os europeus começaram a percorrer todos os recantos do mundo em expedições de exploração, conquista e formação de colônias. Os europeus, convencidos da posse de “uma verdade religiosa absoluta e exclusiva” (GREENBLATT,

1991:9), se deslocaram por todo o mundo, propagando o cristianismo pela África, para o leste da Ásia e através do Atlântico até o Novo Mundo, as Américas.

Devido ao enquadramento geográfico do presente trabalho, me restringirei, nesta seção, a focalizar alguns fragmentos latino-americanos da história universal da interpretação. Na época em que a América foi “descoberta”, os europeus tinham consciência da importância do auxílio de intérpretes para assisti-los na comunicação com os povos encontrados nas novas terras. Assim, na procura de uma rota ocidental para as Índias, Cristóvão Colombo partiu, em 1492, para sua primeira expedição, embarcando consigo o intérprete e poliglota Luis de Torres, falante de hebreu, caldeu e árabe (COLOMBO, 1986).

Nem Colombo, nem os portugueses imaginavam que fossem encontrar um novo continente e é desnecessário dizer que o conhecimento lingüístico do intérprete não lhe ajudou estritamente em nada naquela travessia. Portanto, movido pelos problemas comunicativos nos primeiros encontros com a população nativa, Colombo decidiu embarcar seis indígenas para levá-los à Espanha para que “ao retornarem [fossem] intérpretes dos cristãos e [adotassem] nossos costumes e nossa fé” (COLOMBO, dia 12.11.1492).

Os europeus acreditavam ser essencial para a conquista militar ter intérpretes à sua disposição. Eles não estavam enganados. Ao longo de todos os anos da conquista, intérpretes nativos acompanharam os espanhóis e os portugueses nas suas expedições e serviam como guias, como mediadores da comunicação e, o que talvez seja o mais importante, como fonte de informação indispensável. De modo geral, eram somente os europeus que tinham intérpretes e, com isso, tinham também uma melhor compreensão do seu oponente, o que sem dúvida lhes deu uma vantagem militar significativa em relação aos nativos.

No século XVI e até mais tarde, o método predileto para recrutar intérpretes para as expedições consistia em prender nativos a fim de lhes ensinar a língua de seus captores (BOWEN et al., 1998). Na primeira onda da conquista, eram poucos os casos de europeus que aprenderam línguas indígenas. Mais tarde, porém, também utilizaram-se como mediadores lingüísticos e culturais europeus que, tendo sido aprisionados pelos nativos, tinham aprendido a língua dos índios antes de serem libertados. Também serviam como intérpretes os degredados, sobreviventes de naufrágios e agentes residentes das companhias de comércio européias. Muitas vezes, estes constituíam mediadores transacionais imprescindíveis para os europeus (METCALF, 2002).

Como Colombo, os conquistadores posteriores tiveram constantemente a seu serviço guias e intérpretes indígenas e europeus. Se considerarmos o importante papel que desempenharam em facilitar o contato, a comunicação e o comércio, é surpreendente que haja tão poucas bibliografias históricas, individuais ou coletivas, desses indivíduos influentes. Uma exceção é a mais famosa de todos os intérpretes nativos, e uma das poucas mulheres, Doña Marina, a princesa indígena que foi entregue a Hernán Cortez como escrava e que exerceu o duplo papel de intérprete e mediadora cultural.

Através do trabalho dos intérpretes – e de Marina de modo especial - Cortez teve acesso a informação valiosa sobre a composição das diversas populações indígenas do Império Asteca e pôde usá-la a seu favor. O que Cortez descobriu, e que teve grande significado para o sucesso da conquista, era que os tlaxcaltecas ainda eram inimigos dos astecas e ele conseguiu convencê-los a se juntarem aos espanhóis na luta contra o inimigo comum.

Como o historiador Todorov observa: “É graças a esse sistema de informação, perfeitamente funcional, que Cortez consegue perceber rapidamente, e em detalhes, a

existência de divergências internas entre os índios [...]” (1996:100). Durante toda a campanha, Cortez soube aproveitar-se das lutas entre facções rivais e usar seu conhecimento destas como instrumento militar. O que aconteceu no México foi, ainda segundo Todorov, “a conquista eficaz da comunicação que conduz[iu] à queda final do império asteca” (1996:100).

Assim, durante o descobrimento, a exploração e a conquista, o intérprete ocupou o palco junto aos principais protagonistas da história, sendo o seu auxílio essencial em todos os momentos da história em que contatos com povos de culturas e línguas diferentes foram estabelecidos. Como nos lembra Bertone, se conhecemos hoje os nomes de alguns dos intérpretes da conquista das Américas, é porque a vida ou a morte dos seus interlocutores dependiam de suas palavras (BERTONE, 1989:27).

### **1.5 - A Evolução dos Métodos**

Como vimos, no decorrer dos tempos, muitas e variadas têm sido as funções dos intérpretes. De um descobrimento a uma conquista, de uma negociação a um tratado de paz, a história está repleta de cenas que exigiram a assistência de um intérprete.

Durante séculos e até a metade do século passado, nem os intérpretes, nem a interpretação mudaram significativamente. Os intérpretes que formaram o ofício, homens em geral, eram pessoas que, pelas casualidades da vida, por mérito ou por sorte, tiveram a oportunidade de aprender a fundo uma outra língua e de conhecer outras culturas: entre eles, filhos de diplomatas, militares e aristocratas em exílio (BERTONE, 1989). Não existiam programas de treinamento para a profissão. Até o séc. XX, os intérpretes tinham

que aprender seu trabalho enquanto trabalhavam, através do simples método de acertos e erros (BOWEN et al., 1998).

Várias mudanças significativas, ocorridas na segunda metade do século XIX e no começo do século XX, no campo das relações internacionais, resultaram numa demanda crescente por intérpretes. Durante a segunda metade do século XIX, a Revolução Industrial resultou na fundação de várias organizações, que possibilitaram um aumento das relações internacionais, como, por exemplo, as ferrovias e as telecomunicações (BOWEN et al., 1998). Nos anos entre as duas guerras mundiais, emergiram outras grandes organizações internacionais, tais como a Liga das Nações, em 1919, e no mesmo ano, o Escritório Internacional do Trabalho (EIT). Com elas, surgiu uma necessidade marcadamente intensificada do serviço dos intérpretes, principalmente nas conferências especializadas internacionais. Nasce, assim, a profissão de intérprete de conferências.

Inicialmente, a interpretação em conferências internacionais foi efetuada na modalidade consecutiva, que implica ouvir trechos do que é dito, quase sempre tomando notas, antes de reformular essas frases na língua-alvo. Essa modalidade de interpretação resultava em conferências muito demoradas, uma vez que ela multiplicava pelo número de línguas envolvidas o tempo necessário para entender o discurso. Embora a interpretação consecutiva tivesse, e continua tendo, seus defensores<sup>2</sup>, ela começou a ser considerada muito incômoda, particularmente quando envolvia mais de duas línguas (BOWEN et al., 1998).

---

<sup>2</sup> Entre os defensores da interpretação consecutiva está Danica Seleskovitch que argumenta que o “intervalo de reflexão”, que esse método impõe aos interlocutores, ajuda a concentrar o debate e, portanto, na verdade economiza tempo (In: BOWEN et al., 1998:261)

Buscaram-se novas soluções para otimizar as técnicas. Um equipamento especial, que possibilitava ao intérprete falar ao mesmo tempo em que era feito o discurso a ser interpretado, foi desenvolvido. Desenvolveu-se a nova técnica da interpretação simultânea.

Embora o Tribunal de Nuremberg (1945-46) geralmente seja considerado o lugar de nascimento da IS, ela na verdade foi usada, pela primeira vez, numa conferência do EIT, em 1927. No entanto, o EIT foi a única agência da Liga das Nações a adotá-la e ao Tribunal de Nuremberg pode-se, portanto, atribuir não o nascimento mas o momento de triunfo e de reconhecimento da IS. A nova Organização das Nações, a ONU (1945), adotou, quase desde seu início, essa nova técnica de comunicação (BERTONE, 1989) e em 1950, com o aperfeiçoamento do equipamento, a IS era aceita integralmente (BOWEN et al., 1998).

## **1.6 - A Profissionalização do Ofício**

A primeira geração de intérpretes que utilizou a nova técnica da IS decidiu definir a profissão, fixando as condições de trabalho e estabelecendo o código de ética profissional. Assim, em 1953, criou-se a AIIC, a Associação Internacional de Intérpretes de Conferência. A demanda crescente de intérpretes junto com a introdução do equipamento especial para a IS resultaram no reconhecimento da necessidade de programas de ensino das técnicas de interpretação. Na década de 1940, surgiram os primeiros programas universitários destinados a treinar intérpretes profissionais, sendo o primeiro programa inaugurado na Universidade de Genebra em 1941 (BOWEN et al., 1998).

No Brasil, foi fundada em 1971 a APIC, a Associação Profissional de Intérpretes de Conferência, nos moldes da Associação Internacional (APIC, sem ano). Existem, hoje em dia, mais de 120 intérpretes, membros da associação.

No mesmo ano da fundação da APIC, foi criada a primeira instituição de ensino superior para a formação de intérpretes, a Faculdade Ibero-Americana de São Paulo. No documento de constituição, os promotores da instituição diziam que:

“O Curso Superior de Tradutores e Intérpretes impõe-se pela absoluta necessidade de profissionalizar o exercício da tradução e da interpretação no país e impedir, assim, que tanto uma como outra continuem a ser, em muitos casos, tarefa de amadores sem a devida formação” (citado no site do IBEROLENGUAS, sem data).

Em 1973, a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro seguiu pelo mesmo caminho, criando os Cursos de Tradutor e Intérprete.

Embora ainda não exista, no Brasil, nenhum curso de interpretação do qual a pesquisa científica faça parte integrante da formação, no plano internacional, a formalização do treinamento dos intérpretes fez com que surgisse um campo próprio de estudo e reflexão sobre o ofício e a faculdade de interpretar. É esse o assunto do próximo capítulo.

## Capítulo 2

### Pesquisas em Interpretação

#### **2.1 - Da Prática à Ciência**

Diferentemente da prática da tradução escrita que, apesar do seu surgimento mais tardio, também tem sido, desde o início, objeto de reflexão, a prática da interpretação só começou a atrair o interesse dos teóricos a partir da expansão da IS com o desenvolvimento da profissão de interpretação de conferências. De acordo com Gile (1994), as pesquisas em interpretação podem ser divididas em quatro estágios: (1) o Período Preliminar, (2) o Período da Psicologia Experimental, (3) o Período dos Praticantes e (4) a Renascença. Esses estágios serão apresentados mais detalhadamente nas próximas seções.

#### **2.2 - O Período Preliminar**

Os primeiros passos em pesquisas em interpretação foram dados nos anos 50 quando alguns de seus praticantes e professores começaram a pensar e escrever, de maneira introspectiva, sobre o processo, baseando-se nas suas experiências pessoais da profissão (GILE, 1994). Embora os trabalhos deste período não possuam – e nem pretendam possuir – validade científica, eles identificaram e levantaram muitas questões fundamentais da interpretação que ainda hoje se discutem, apresentadas a seguir.

Dos escritores deste período, merece destaque Herbert, que, num livro de 1952, apresentou e defendeu a idéia de que a interpretação não deve ser vista como mera

transcodificação lingüística, isto é, como a tradução literal de segmentos de texto separados, mas, antes, como um processo de compreensão e reformulação (SCHJOLDAGER, 1995). Anos mais tarde, a proposição de Herbert, que pode ser vista como uma revolta às tradicionais concepções lingüísticas de linguagem e de tradução, foi usada por Danica Seleskovitch, como base para a fundamentação de uma Teoria Geral de Interpretação (ver cap. 2.4.1).

Também foi neste período que o primeiro estudo acadêmico em interpretação foi realizado, por Paneth, em 1957. Uma das proposições interessantes apresentadas por Paneth era que a interpretação, para poder funcionar, necessariamente passaria por um estágio intermediário não-lingüístico, no qual o armazenamento mental do discurso toma a forma de imagens (KALINA, 1998:56). De acordo com Paneth, essa transformação do texto em informação não-verbal ocorre de maneira automática, assim como a maioria dos outros processos envolvidos na interpretação (ibidem). Como veremos no cap. 2.4.1, a questão do suposto estágio não-verbal, em que o texto é transformado em imagens, se assemelha em muitos aspectos à idéia de “deverbalização”, formulada por Seleskovitch.

### **2.3 - O Período da Psicologia Experimental**

Nos anos 60 e no começo dos anos 70, alguns estudos experimentais foram realizados por psicólogos e psicolingüistas interessados em desvendar o mistério dos processos mentais envolvidos na IS, que possibilitam ao intérprete escutar e falar ao mesmo tempo. A invenção dos gravadores multicanais, no começo dos anos 60, tornou possível a realização de estudos objetivos sobre a simultaneidade na IS (CHERNOV, 1994).

Nesse período, vários aspectos da IS foram analisados, entre eles a divisão de atenção do profissional durante a interpretação, a distância temporal entre a interpretação e o discurso original, e a influência de vários fatores como a língua de partida, a velocidade com que o discurso original é transmitido, o barulho, etc. (KALINA, 1998:58 e GILE, 1994:149). Para investigar esses aspectos, os pesquisadores compreensivelmente fizeram uso das ferramentas metodológicas e teóricas das suas próprias áreas. Na maior parte dos casos, foram usados métodos experimentais e quantitativos que, como aponta Gile (2001), não eram necessariamente os mais adequados à tarefa investigada. Em geral, os estudos e experimentos conduzidos por esses pesquisadores, que não eram, eles mesmos, intérpretes<sup>3</sup>, têm sido fortemente criticados e contestados por muitos intérpretes, e seus resultados freqüentemente têm sido acusados de não possuírem validade (SCHJOLDAGER, 1995).

Um exemplo da crítica levantada contra as pesquisas desse período é a reação de Bros-Brann à tese de doutorado de Barik, de 1969, e seu artigo na revista *Babel*, de 1972. A principal crítica de Bros-Brann concerne à hipótese de Barik de que os profissionais de IS preferem dar sua interpretação nas pausas do discurso original. Bros-Brann rejeita essa hipótese e fornece o seguinte comentário à metodologia utilizada por Barik:

A meu ver, para usar uma analogia divertida, o artigo de Barik (e sua tese que eu também li por extenso) pode ser comparado a um estudo conduzido por um filósofo sobre as práticas da cirurgia de coração aberto, baseado na hipótese de que os cirurgiões, que usam um dado tipo de sapato, fazem determinados movimentos em redor da mesa cirúrgica. (BROSS-BRANN, 1975:93, citada em SCHJOLDAGER, 1995:34)

---

<sup>3</sup> Uma exceção é Ingrid Kurz que, além de psicóloga, também é intérprete ativa e autora de inúmeros artigos e livros sobre a interpretação.

As pesquisas foram criticadas, principalmente, por não levarem em consideração fatores considerados relevantes à interpretação como, por exemplo, a situação de comunicação, o contexto, as expectativas e exigências, o treinamento (ou a falta do mesmo) em interpretação do sujeito pesquisado, o tipo de texto usado etc. (KALINA, 1998). Para dar um exemplo concreto, um estudo realizado por Treisman, em 1964, utilizou, como o texto a ser interpretado no experimento, extratos de obras literárias, pouco apropriados para a tarefa do intérprete.

No entanto, embora se possa questionar a validade e a representatividade das pesquisas conduzidas durante este período, elas foram valiosas, uma vez que, segundo Kalina, deram a “ponta-pé” inicial que as pesquisas em interpretação aparentemente precisavam para começar a definir e seguir seu próprio paradigma (KALINA, 1998:61). Foram esses trabalhos que, como os primeiros, submeteram a interpretação aos métodos de pesquisa científicos, tratando-a como atividade investigativa. Além disso, o impacto destes estudos e, em particular, das várias críticas feitas a eles, fez com que os intérpretes começassem a tomar a pesquisa a seu próprio cargo.

#### **2.4 - O Período dos Praticantes**

No início dos anos 70, mais praticantes começaram a se envolver em estudos da interpretação e, em geral, a abordagem experimental, que tinha dominado o período anterior, foi rejeitada. Ingrid Kurz, de Viena, foi a primeira intérprete (e psicóloga) a defender uma tese de doutorado em interpretação, em 1969.

Nos anos que seguiram, um grande número de estudos<sup>4</sup> foi realizado, na sua maior parte, pelos próprios representantes da profissão. A grande maioria destes pesquisadores não tinha nenhuma formação científica e, portanto, dispunha de um conhecimento muito limitado sobre modelos teóricos e metodológicos (KALINA, 1998:32). Por isso, suas declarações sobre a interpretação se baseavam, em grande medida, nas suas próprias experiências pessoais, e a maioria dos trabalhos era teórica, prescritiva e, mais uma vez, altamente introspectiva (ibidem).

O impulso principal em pesquisas e teorização sobre a interpretação neste período veio da ESIT, *École Supérieure d'Interprètes et de Traducteurs*, e de uma pessoa em particular, Danica Seleskovitch. Devido à grande influência de Seleskovitch nas pesquisas em interpretação, a teoria desta será abordada, em separado, a seguir.

#### **2.4.1 - Danica Seleskovitch: *La Théorie du Sens***

*La Théorie du Sens* (doravante a Teoria do Sentido) proposta por Seleskovitch em 1968 foi baseada nas idéias de Herbert de que a interpretação consiste num processo de compreensão e reformulação, e não de transcodificação lingüística (ver cap. 2.2). Seleskovitch desenvolveu a idéia de Herbert e propôs que a interpretação seja vista como um processo composto de três fases, em que a reformulação necessariamente é precedida por uma fase de “deverbalização”, no qual todos os traços lingüísticos do texto de partida se desvanecem e somente o sentido deverbalizado permanece:

---

<sup>4</sup> Nos anos 70 e 80, mais de 20 dissertações de Mestrado e teses de Doutorado em interpretação foram defendidas (GILE, 1994).

[.....] a interpretação é um processo triangular e não um processo direto de linguagem com a linguagem. A informação recebida é reduzida a seu sentido (estágio de compreensão) e este sentido é expresso em outra forma lingüística (estágio de expressão). (SELESKOVITCH, 1968:84f, citada em KALINA, 1998:51)

A questão principal da Teoria do Sentido é a de que a interpretação está baseada no sentido do texto de partida, e não nas palavras ou nas estruturas lingüísticas deste. Dessa forma, o intérprete não transcodifica as palavras do discurso a ser interpretado mas, antes, extrai o sentido intencionado. No entanto, como aponta Kalina, vale lembrar que Seleskovitch não explica como o intérprete deve chegar ao sentido intencionado. Ela somente descreve a compreensão do sentido como sendo espontânea e intuitiva (1998:52).

Assim, Seleskovitch considera a interpretação um processo automático e natural que, supostamente, não apresentaria nenhuma dificuldade ao intérprete, já que:

[...] embora o ouvinte não esteja capaz de repetir o discurso inteiro sem omitir a menor nuance ou o menor detalhe, o intérprete o consegue, independentemente da duração do discurso. Isso se deve ao fato de que, ao usar outra língua, ele não precisa repetir as palavras, mas reformula o sentido armazenado na sua memória semântica (1976:112, citada em KALINA, 1998:53).

Desse modo, Seleskovitch nega a possibilidade da ambigüidade e do mal-entendido. Mais uma vez, a autora não fornece nenhuma explicação sobre a forma que o intérprete usa para fazer o que nem é, sempre, possível numa situação de comunicação monolingüe, uma vez que, como argumenta Kalina, mal-entendidos dos tipos mais variados ocorrem em toda situação de comunicação (KALINA, 1998: 53).

Embora elas nunca tenham sido empiricamente testadas, as idéias propostas por Seleskovitch foram amplamente aceitas na época e se cristalizaram como dogma, numa

Teoria Geral da Interpretação, que ainda hoje continua tendo alguns aliados (ex. Aarup, 1993).

Em geral, o modelo de deverbalização marcou substancialmente as pesquisas em interpretação. Não obstante as críticas que podem ser (e foram) feitas à teoria, não há dúvida de que ela possui grande valor como ferramenta didática na formação de intérpretes, quando os alunos precisam se livrar da sua fixação nas palavras (SCHJOLDAGER, 1995:36).

## **2.5 - A Renascença**

A partir de meados dos anos 80, as pesquisas em interpretação ganharam novo ímpeto quando algumas teorias, que até então tinham dominado a área<sup>5</sup>, foram oficialmente desafiadas no Simpósio de Trieste, na Itália, em 1986 (PÖCHHACKER, 1995:47-48, SCHJOLDAGER, 1995:35). O clima também parecia estar mais fecundo para o desenvolvimento de novas pesquisas e novas idéias. Agora os pesquisadores em interpretação, de acordo com Gile, pareciam estar mais maduros, o que “talvez se deva ao número e peso maior de ‘pesquisadores de segunda geração’, cuja atitude é diferente da dos antecessores” (GILE, 1994:152).

A conferência em Trieste marcou o início de uma nova era, caracterizada por interdisciplinaridade, cooperação entre pesquisadores, metodologia descritiva e um número crescente de estudos empíricos (GILE, 1994:151-152). Além disso, o interesse geral em pesquisas em interpretação cresceu dramaticamente. De acordo com a análise de dados

---

<sup>5</sup> Entre elas, a Teoria do Sentido de D. Seleskovitch.

bibliográficos de Pöchhacker (1995), o número de trabalhos publicados entre 1989-1994 foi o dobro da produção dos 36 anos anteriores (1952-1988).

Entre os autores mais produtivos, no período 1989-94, Daniel Gile se destaca com não menos que 28 trabalhos publicados (PÖCHHACKER, 1995). Gile foi, e continua sendo, uma das principais forças motoras da reorientação metodológica das pesquisas em interpretação. Frente à “teorização pessoal”, exemplificada por Seleskovitch e seus discípulos, Gile clama por uma abordagem mais científica, favorecendo a pesquisa empírica, que envolve observação sistemática e experimentação, ao invés de proposições intuitivas e teorização especulativa.

Nos anos 90, as pesquisas em interpretação continuaram por entre as linhas de estudos interdisciplinares. Entretanto, um número considerável de estudos se concentrava em assuntos específicos da interpretação; entre eles, a questão da qualidade e das estratégias cognitivas na interpretação (RICCARDI, 2002).

Na atualidade, a grande maioria das pesquisas continua sendo realizada pelos próprios intérpretes, mas eles estão, cada vez mais, fazendo uso de teorias e resultados de pesquisas de uma gama diversificada de disciplinas, entre elas, os Estudos da Tradução, as Ciências Cognitivas, Psicologia e Neurofisiologia (GILE, 2001). A tendência tem sido de grande crescimento, não só em termos da quantidade de trabalhos publicados dentro da área, mas também no que concerne à extensão geográfica das pesquisas em interpretação: enquanto que, nos anos 60 e 70, a maioria das publicações veio da França, Alemanha e Suíça, hoje em dia, elas vêm de países do mundo inteiro, sendo os países mais produtivos a Itália e o Japão (ibidem). Esses últimos anos também têm sido caracterizados pelo surgimento e expansão de novas modalidades de interpretação: a interpretação

comunitária<sup>6</sup>, interpretação de tele e videoconferências e a interpretação de televisão<sup>7</sup>, entre outras.

## **2.6 - Enquadramento do presente estudo no contexto das pesquisas realizadas na área**

O presente trabalho se enquadra dentro de uma série de pesquisas realizadas nos últimos 15 anos, que têm como finalidade investigar as omissões na interpretação. O estudo se distingue, também, por ser interdisciplinar, caráter este que, como vimos na seção anterior, caracteriza grande parte das pesquisas mais recentes em interpretação.

Em um ponto, porém, meu trabalho se distingue da maioria das pesquisas contemporâneas: ele é conduzido por um não-praticante da profissão. Como pesquisadora não-intérprete, arrisco-me, com este trabalho, a entrar num território desconhecido, consciente do fato de que muitos intérpretes acreditam serem eles os únicos que realmente conseguem entender como funciona a interpretação (GILE, 2001).

Consciente, também, das várias críticas feitas às pesquisas realizadas por não-praticantes da profissão, durante o Período da Psicologia Experimental (cap. 2.3), tomarei o máximo de medidas cabíveis para conduzir a minha pesquisa com o maior grau possível de colaboração com os sujeitos pesquisados (ver cap. 5.4). Segundo Gile, um dos maiores erros dos pesquisadores não-intérpretes consiste justamente no fato de que eles, muitas vezes, realizam seu trabalho sem nenhum contato com a comunidade de intérpretes (GILE, *apud* SCHJOLDAGER, 1995:39). Portanto, para tentar evitar cometer os mesmos erros do

---

<sup>6</sup> Na interpretação comunitária, o intérprete tipicamente funciona como intermediário da comunicação entre imigrantes (ou fugitivos) e instituições públicas, como, por exemplo, os hospitais e a polícia.

<sup>7</sup> Para discussão detalhada sobre a interpretação de televisão, ver MACK, Gabriele (2002): *New Perspectives and Challenges for Interpretation: The Example of Television*, In: GARZONE, Giuliana & VIEZZI, Maurizio, (eds.) (2002) p. 203-213.

“filósofo que estuda as práticas da cirurgia de coração aberto” (ver citação no cap. 4.3), a colaboração e participação direta dos sujeitos pesquisados será crucial para meu estudo.

## Capítulo 3

### Interpretação e Tradução – uma abordagem contrastiva

#### 3.1 Introdução

A interpretação pode ser considerada subordinada à tradução, sendo considerada uma subclasse ou variedade desta. Em geral, a maioria das pessoas não sabe muito bem distinguir entre tradução e interpretação, fato este que se manifesta, de forma explícita, na denominação imprópria “tradução simultânea”, freqüentemente usada no lugar do termo correto, “interpretação simultânea”. Essa não-distinção entre as duas modalidades parece provir de uma falta de conhecimento sobre as diferenças entre as mesmas.

Indiscutivelmente, há realmente muitas similaridades entre a tradução e a interpretação, e foi a constatação disso que, em 1968, levou Kade a introduzir o termo alemão *Translation* como hiperônimo que engloba as duas modalidades. Kade e seus colegas achavam que havia tantas similaridades entre a tradução e a interpretação que elas deveriam ser consideradas o objeto de um só campo de estudo e não dois (*apud* PÖCHHACKER, 1992: 213). Foi também com base nessa concepção unificada que Reiss & Vermeer, em 1984, formularam uma Teoria Geral de Tradução e Interpretação (*Allgemeinen Translationstheorie*) (KALINA, 1998:16).

Embora a Teoria de Tradução e pesquisas em interpretação, em geral, tenham seguido suas próprias direções, ainda existem defensores da perspectiva integradora que focalizam as semelhanças antes das diferenças (ver, por exemplo, PÖCHHACKER, 1992). Realmente, pode-se argumentar que, por baixo da diversidade de níveis e condições de performance, a interpretação e a tradução desempenham, essencialmente, a mesma função,

a saber, reformular em uma língua o que foi expresso em outra. Não obstante, como tentarei argumentar neste capítulo, da mesma forma que a tradução, nas palavras de Mona Baker, é “um evento comunicativo moldado por seus próprios objetivos, pressão e contexto de produção” (BAKER *apud* SCHLESINGER, 1998), a interpretação também o é.

Na tentativa de chegar a uma definição da interpretação, proponho, à luz do vínculo de parentesco existente entre a tradução e a interpretação, esboçar primeiro uma demarcação dos limites entre as duas áreas, com ênfase primordial nas características que constituem as diferenças entre as mesmas.

Para fins de maior clareza, tratarei, nas próximas seções, de maneira polarizada a interpretação e a tradução e as suas características mais destacadas. No entanto, como lembra Steiner, na sua obra consagrada sobre linguagem e tradução, “After Babel”, ao lado de posições extremas, “pode haver inúmeras posturas intermediárias e qualificadas entre dois pólos de argumentação, nenhuma das duas posições sendo sustentada, muitas vezes, com absoluto rigor” (1975:74). Portanto, creio ser importante frisar que, embora eu descreva as diferenças de forma polarizada, na realidade, nem sempre a interpretação e a tradução são univocamente separáveis uma da outra e nem sempre, e em todos os casos, as características expostas se manifestam de maneira tão nítida como aqui descrito.

### **3.2 - A Oralidade**

Muitas vezes, por motivos de clareza e simplicidade, os termos interpretação e tradução são explicados na literatura como sendo a produção oral baseada num texto oralmente apresentado e a produção escrita baseada num texto escrito, respectivamente. Realmente, na superfície, a diferença entre a interpretação e a tradução pode parecer estar

apenas na diferença do meio de comunicação. Isso também se reflete na definição de R.B.W. Anderson ao dizer que “a interpretação ocorre sempre que uma mensagem produzida oralmente numa língua é reformulada e retransmitida oralmente numa outra língua” (ANDERSON, 1978:218 citado in KALINA, 1998:19).

Esta definição destaca, como (único) ponto distinto da interpretação, a *oralidade*. Além do meio de comunicação (a expressão escrita e a expressão oral) ser a diferença entre a tradução e a interpretação que, à primeira vista, mais chama a atenção, ela também se distingue por ser uma característica que, por alguns teóricos da tradução, é tomada como a única diferença sobressalente (KALINA, 1998). Tal categorização simplista reflete, a meu ver, a falta de reconhecimento do fato de que essas duas atividades, como veremos mais adiante, requerem habilidades diferentes e são regidas por condições fundamentalmente distintas.

Segundo Kalina, uma definição de interpretação, que focaliza somente a oralidade (do texto de partida bem como do texto-alvo) como sua característica distintiva, não se sustenta, uma vez que, na prática, o grau de oralidade do texto de partida varia na interpretação (KALINA, 1998). Para Kalina, uma pré-condição importante para a viabilidade de sucesso na interpretação é a de que o texto de partida seja apresentado de maneira mais ou menos espontânea, como discurso livre. Entretanto, essa exigência muitas vezes não é cumprida.

Sobretudo na interpretação simultânea, ocorre, com frequência, que o palestrante de um congresso, sob pressão do tempo, lê o texto (muitas vezes inclusive em formato de um resumo) em voz alta, o que, tipicamente, resulta em estruturas sintaticamente mais complexas e em menos redundância do que em discursos livres. Dessa forma, a oralidade deixa de estar em primeiro plano e deixa de ser uma marca necessariamente distintiva da

interpretação quando o intérprete, além de escutar e falar, precisa acompanhar no papel o manuscrito do discurso. Cabe ainda mencionar que a categorização “tradução escrita” vs. “tradução oral” falha em não abranger em si uma das modalidades da interpretação, recentemente reconhecida como área de pesquisa dentro dos estudos da interpretação (GRBIC, 2000), a saber, a interpretação para surdos, em que é utilizada a língua de sinais, e em que, por motivos óbvios, a oralidade não predomina.

Uma categorização que focaliza, em primeiro plano, a oralidade na interpretação, em contraposição à expressão escrita na tradução parece-me, portanto, constituir um terreno pouco fértil para o aprofundamento das especificidades da interpretação, uma vez que a oralidade, como vimos, não é necessariamente e nem sempre característica predominante e inerente à mesma. Entretanto, o fato de que o *grau* de oralidade no texto de partida varia na interpretação, e na IS especificamente, parece-me constituir um aspecto relevante para a caracterização da interpretação. Por conseguinte, passo agora, na próxima seção, a examinar mais detalhadamente *o tipo de texto* (de partida) encontrado na interpretação.

### **3.3 - Tipos de Texto na Interpretação**

Os tipos de texto que encontramos na interpretação, e principalmente na IS, apresentam algumas diferenças em relação àqueles que se produzem no meio escrito e, também, em relação ao tipo de texto que tipicamente se produz nos diálogos orais informais. Segundo Alexieva (1992), a nebulosidade acerca dos tipos de texto e as suas características é ainda maior na interpretação, uma vez que os limites entre o meio oral e o meio escrito freqüentemente se confundem em situações em que um texto escrito é apresentado oralmente.

Em interpretação de conferências, há uma grande diversidade de tipos de texto que variam desde o discurso oral e espontâneo, completamente improvisado (o assim chamado discurso *impromptu*), à leitura de um texto escrito preparado. Kopczynski (NISKA, 1999) propõe a seguinte categorização dos tipos de texto mais comuns encontrados em conferências:

- 1) monólogo (ou diálogo) oral não preparado;
- 2) monólogo oral semipreparado e com notas;
- 3) monólogo escrito destinado à apresentação oral, lido em voz alta;
- 4) monólogo escrito destinado ao meio escrito, lido em voz alta.

Segundo Niska (1999), desses quatro tipos de texto, o número 3 provavelmente é o mais comum.

Idealmente, a interpretação seria realizada a partir de um discurso apresentado de forma espontânea (ou *impromptu* ou semipreparado) que, conseqüentemente, conteria menor densidade lexical, mais redundância e estruturas sintáticas menos complexas (NISKA, 1999). No entanto, na maioria das vezes, a interpretação (simultânea) ocorre com base num discurso que se apóia num manuscrito. Na melhor das hipóteses, esse é posto à disposição do intérprete antes da conferência para que ele, com base no manuscrito, possa se preparar eficientemente. Muitas vezes, porém, acontece de o manuscrito só ser entregue no começo do evento ou ainda só no começo do discurso a ser traduzido (GILE, 1995).

Embora o fato de o intérprete ter à sua disposição o manuscrito tenha o lado positivo de ter toda a informação visualmente presente (o que reduz os problemas de memória), o lado negativo é que o intérprete tem que enfrentar a dificuldade adicional de acompanhar, ao mesmo tempo, o discurso oral e o texto escrito. Como lembra Gile (1995), é fundamental, nesse caso, que o intérprete focalize não só o manuscrito, mas também o discurso, uma vez que as estratégias cognitivas do intérprete precisam ser ajustadas à

maneira de proceder do orador: este pode, por exemplo, fazer leitura, desvios (mudanças), omissões, adições ou, ainda, fazer outro discurso que aquele no manuscrito. Esse último caso, em que o intérprete não tem uma cópia do texto lido pelo orador, implica grandes dificuldades à interpretação e, na pior das hipóteses, a execução da interpretação pode até chegar a ser impossibilitada (KALINA, 1998).

A dificuldade de entender e traduzir um texto escrito, lido em voz alta, deve-se, pelo menos parcialmente, ao fato de o texto escrito apresentar um alto grau de densidade lexical. Estima-se que a densidade lexical seja duas vezes maior em textos escritos do que em discursos orais (NISKA, 1999) e que contenha mais estruturas sintaticamente complexas e menos redundância que a língua falada. De acordo com Chernov, a existência de redundância no texto de partida é crucial na IS uma vez que “(...) não todas as mensagens orais, mas apenas mensagens com um grau de redundância adequado, podem ser traduzidas simultaneamente” (CHERNOV, 1994:140). Isso acontece porque, segundo Miller:

Redundância tem suas vantagens, e um alto grau de interdependência entre as unidades sucessivas de uma língua significa que partes da mensagem podem ser perdidas ou distorcidas sem que isso cause um rompimento da comunicação. Qualquer parte faltante pode ser substituída pelo receptor a partir das partes adjacentes, com base nos indicadores contextuais (MILLER, 1963:103, *apud* CHERNOV, 1994:140)

Outro fator que dificulta a execução da interpretação nos casos em que o orador lê um texto escrito em voz alta é o fator de tempo (ver também cap. 3.4), a saber, a velocidade com que o discurso (a leitura) é realizado. De acordo com Déjean Le Féal (1978), a dificuldade de entender um texto lido em voz alta se deve ao fato de o orador não estar mais envolvido na reflexão intelectual que é necessária nos discursos espontâneos. O discurso não é mais conduzido pelo pensamento ou pelo concebimento do conteúdo do texto e, por

consequente, a velocidade da apresentação muitas vezes tende a ser maior que nos discursos espontâneos ou semipreparados que, por sua vez, tipicamente são caracterizados por um número consideravelmente maior de pausas, hesitações e breves momentos de silêncio (NISKA, 1999) que, supostamente, facilitariam a interpretação.

Incontestavelmente, o tempo desempenha um papel muito importante na interpretação e influencia a tarefa do intérprete de diversas maneiras. Vamos examinar esse fator mais em detalhe.

### **3.4 - O Fator “Tempo”**

Aqui se encontra o centro do assunto: o tempo é, sem dúvida, a diferença crucial entre a interpretação e a tradução, e está implícito ou explícito em todos os outros fatores aqui mencionados. O tempo escapa ao controle do intérprete uma vez que este recebe o texto de partida na velocidade determinada pelo orador. As condições de trabalho que resultam dessa situação são totalmente diferentes das dos tradutores que podem, por exemplo, fazer um intervalo ou voltar ao texto para tentar entender melhor um dado parágrafo.

Em vez de serem livres para reorganizarem as seqüências de informação e idéias, ou através da omissão ou modificação de algumas destas, os intérpretes precisam seguir o rumo e a velocidade, escolhidos pelo orador (GILE, 1995:166). Simplesmente não há tempo para se deter, no meio da interpretação de um discurso, numa palavra ou expressão difícil para achar a solução “perfeita”.

O intérprete está atuando sob pressão de tempo constante, visto que ele tem que produzir sua interpretação à mesma velocidade que o orador, mas com o fardo adicional de

interpretar sem saber em que direção o discurso está indo. Tradutores geralmente têm horas, dias ou até semanas para concluir seu trabalho. Embora naturalmente não possam gastar horas em traduzir cada frase, eles comumente têm, no mínimo, alguns dias para terminar a tarefa inteira e, segundo Gile (1995:111), avançam numa velocidade de algumas páginas por dia, o que corresponde a aproximadamente 6 a 15 páginas, isto é, 2000-5000 palavras.

Em virtude dessas condições de trabalho, o tradutor pode levar tempo para consultar especialistas e procurar informação em documentos e em dicionários para resolver problemas e “minúcias” da linguagem. De acordo com Rudd & Fraser, o tradutor justamente se caracteriza por possuir, entre outras coisas, “(...) prontidão para aplicar-se meticulosamente aos detalhes e à precisão” (2000:195).

Intérpretes, em contraste, são fortemente restringidos pelo tempo já que eles trabalham na velocidade da produção do discurso, isto é, 100 a 200 palavras por minuto, na média (GILE, 1995:111). Para comparação, em espaços que vão de 10 minutos a uma hora, os intérpretes reproduzem uma quantidade de palavras equivalente àquela que se traduz, no meio escrito, durante um dia inteiro de trabalho (ibidem). Conseqüentemente, o tempo que os intérpretes têm para realizar a interpretação é extremamente limitado e, no caso da IS, o intérprete tem somente poucos segundos, no máximo, para concluir o processamento dos segmentos individuais do discurso. É importante também observar que, embora o intérprete possa consultar seu parceiro (geralmente, na IS, os intérpretes trabalham em dois) ou procurar a informação nos documentos ou glossários à sua disposição, nunca pode parar a interpretação e deixar a cabine para tentar achar uma solução para um problema.

Portanto, uma diferença fundamental entre as condições de trabalho do intérprete e do tradutor deve-se à falta de tempo na interpretação:

É inerente à função do intérprete que ele esteja preparado para deixar um problema passar, se não surgir nenhuma solução imediata, e passar para o próximo. O tradutor, por outro lado, gasta muito tempo em isolar e pensar em soluções para alguns problemas importantes (HENDERSON, 1987:127, *apud* RUDD & FRASER, 2000:203)

Conseqüentemente, devido às circunstâncias em que a interpretação é realizada, é óbvio que a versão na língua alvo nunca pode ser tão perfeita quanto o é no caso na tradução. Mas também não se espera que o seja, e nisto podemos ver outra diferença entre a interpretação e a tradução. Como observam Padilla & Martin (1992:200), os tradutores, e escritores em geral, preocupam-se muito mais em produzir um texto que seja capaz de resistir ao tempo, enquanto que a preocupação do intérprete está mais concentrada em simplesmente transmitir a mensagem ao receptor.

Isso, no entanto, não significa, de forma alguma, que a interpretação seja uma atividade descuidada em que a precisão pouco importa. O trabalho que o tradutor realiza, que implica consultar dicionários, revistas, etc. também é efetuado pelo intérprete, porém, previamente ao trabalho e na ausência da versão original a ser interpretada. Dessa forma, as condições temporais na interpretação também influenciam diretamente as condições para a aquisição do conhecimento necessário para uma dada tarefa.

### **3.5 - Aquisição de conhecimento e preparação**

As restrições temporais extremas na interpretação fazem com que a aquisição de conhecimento e a preparação para o trabalho, inevitavelmente, se distingam das mesmas na tradução. O conhecimento lingüístico geral requerido para efetuar uma tarefa tradutória necessariamente tem que estar presente, como um pré-requisito, no tradutor bem como no intérprete. Existe, no entanto, uma diferença nas condições da aquisição de conhecimento para uma dada tarefa, uma vez que a aquisição do conhecimento lingüístico necessário para a tradução escrita, em sua maior parte, pode ser efetuada durante o próprio processo de tradução (*on-line*), ao passo que, na interpretação, devido às restrições temporais, grande parte do conhecimento lingüística relevante para o trabalho precisa ser adquirida *antes* da tarefa.

Dessa maneira, o tradutor pode se limitar a adquirir um conhecimento mais limitado, diretamente voltado para as exigências do texto a ser traduzido, ao passo que o intérprete, muitas vezes, tem que adquirir e armazenar mais conhecimento técnico específico para, idealmente, estar preparado para toda eventualidade possível dentro de determinada área (KALINA, 1998).

Comumente, os tradutores são especializados em áreas de conhecimento específicas, e os intérpretes não o são. Estes efetuam a interpretação dentro das áreas mais variadas de conhecimento. Porém, segundo Gile (1995:145), a interpretação geralmente é menos exigente que a tradução no que concerne à precisão lingüística e ao uso de terminologia técnica específica. Mas, ainda de acordo com Gile, os intérpretes precisam ter uma “cultura geral” mais ampla uma vez que o conhecimento necessário na interpretação, muitas vezes, é bem imprevisível. No meio de uma conferência sobre o processamento de dados, por

exemplo, pode aparecer uma citação da Bíblia, ou referências à política mundial podem ser feitas numa conferência sobre a agricultura (1995:112).

Gile (1995:147) divide a fase preparatória na interpretação de conferências em três passos: preparação prévia, preparação na última hora e preparação durante a conferência.

a) Preparação prévia:

Os intérpretes sistematicamente pedem aos organizadores de uma conferência que providenciem, antecipadamente, o conjunto inteiro de documentos em todas as línguas representadas na conferência. Esses documentos são, por definição, altamente importantes e são usados pelos intérpretes na preparação prévia do evento. Os *briefings*, momentos em que os intérpretes podem tirar dúvidas com os especialistas da área, também fazem parte importante da preparação prévia, embora estes geralmente sejam realizados pouco tempo antes da conferência, muitas vezes poucos minutos antes da abertura.

b) Preparação na última hora:

Não é raro que os documentos da conferência só estejam disponíveis aos intérpretes na última hora antes da conferência, no local do evento. Grande parte da aquisição de conhecimento ocorre com base nesses documentos.

c) Preparação durante a conferência:

Muita informação é obtida durante a própria conferência, através de documentos entregues depois da abertura, de conversas com outros participantes nos intervalos e através do conteúdo das apresentações e discussões que, muitas vezes, fornecem inclusive mais informação que os documentos.

Embora seja possível para o intérprete, através desses três passos, se preparar para o evento ao recorrer a todo o material que esteja à sua disposição, ele não pode prever e se preparar para todas as eventualidades possíveis nos discursos a serem interpretados.

### **3.6 - Completude ou não do Texto de Partida**

Outra característica muitas vezes citada como diferença marcante entre a tradução e a interpretação, e que tem relação com o tipo de meio usado (oral ou escrito), é a completude ou não do texto de partida. Kalina aponta para o fato de que, embora seja um dos distintivos comumente atribuídos à tradução, o texto a ser traduzido não se apresente sempre, desde o início da tarefa, de forma completa. Mas – e aqui encontramos uma diferença fundamental entre a tradução e a interpretação - o texto está sempre e continuamente presente e disponível para o tradutor durante todo o processo tradutório (KALINA, 1998:17).

Enquanto o texto na tradução é sinóptico, por natureza, o texto de partida na interpretação, por sua vez, se caracteriza por ser fugaz, uma vez que é apresentado uma única vez, de forma fragmentária, e não é repetível. O intérprete não tem a vantagem de poder ver, na hora da realização da interpretação, todas as partes que compõem a totalidade do texto, devido à produção segmentada do texto de partida.

A interpretação, portanto, distingue-se ao ter um caráter marcadamente *singular* e evanescente. Tal “fugacidade” se aplica também ao produto da interpretação que, em comparação ao produto da tradução, é destinado a um dado momento e ocasião (KALINA, 1998:17).

Nesse contexto, merece ser destacado também outro fator que se relaciona diretamente com o caráter singular da interpretação e que representa uma diferença entre a tradução e a interpretação: a possibilidade ou não de correção do texto alvo. Na tradução, dependendo do tempo disponível e das exigências à qualidade da tradução final, a correção faz parte imanente do trabalho do tradutor. O tradutor pode também, como lembra Kalina (1998:18), fazer qualquer tipo de correção sem que o receptor o perceba: pode escrever o texto alvo e lê-lo como o leitor/receptor o leria, corrigi-lo, lê-lo de novo, e assim por diante, até chegar a uma versão totalmente satisfatória.

Na interpretação, por outro lado, as reformulações devem ocorrer dentro da cabeça do intérprete: ele não pode ouvir a si mesmo e depois decidir mudar sua versão. Quando o intérprete trabalha, ele não pode rasgar seus primeiros rascunhos como o tradutor faz durante o processo de tradução. O intérprete precisa realizar a versão final já na primeira produção. Naturalmente, correções também ocorrem, de vez em quando, na interpretação, mas só podem ocorrer em menor escala e, principalmente, no nível micro.

A respeito do uso ou não de correções na interpretação, Jones (2002) enfatiza que elas só devem ser feitas quando são absolutamente necessárias, já que podem perturbar o processamento mental do intérprete dos segmentos de discurso sucessivos, além de distrair a concentração do público e, possivelmente, causar irritação ao mesmo. Finalmente, diferentemente da tradução, as correções na interpretação são sempre notadas pelos seus receptores.

Nesse contexto, considero importante também notar que, na interpretação, todas as partes envolvidas têm consciência da situação de comunicação. Portanto, como observa Gile, pode-se esperar mais cooperação das partes envolvidas na interpretação do que na

tradução onde os receptores antes têm consciência do texto do que da própria situação de comunicação em si (GILE, 1995:24).

Expostos e discutidos os principais aspectos da interpretação, que a diferencia da tradução, passo a formular, na próxima seção, uma definição da interpretação, a partir desses distintivos.

### **3.7 - Uma definição da interpretação**

Como vimos, apesar do parentesco entre as duas modalidades, existem várias diferenças substanciais entre elas. São vários os aspectos que precisamos considerar ao definirmos a interpretação. Todas as diferenças podem, porém, ser resumidas em uma só, da qual todas as demais, direta ou indiretamente, resultam: o fator “tempo”. As condições de trabalho e de preparação na interpretação são fortemente regidas pelas restrições temporais. Estas, por sua vez, determinam a qualidade da produção do intérprete que, como consequência das restrições temporais, é apenas limitadamente controlável e retificável.

Levando em consideração as principais características distintivas aqui apresentadas, proponho definir a interpretação como sendo a **realização, sob imposição externa da velocidade, da versão final de um texto na primeira produção feita pelo intérprete.**

Existem vários tipos de interpretação, que podem ser diferenciados de acordo com as várias características distintas de cada um deles. Podemos dividir essas modalidades em dois grupos principais: a interpretação consecutiva e a interpretação simultânea, sendo as outras modalidades subcategorias destes.

No modo consecutivo, o intérprete ou ouve um discurso inteiro e depois o retransmite na língua-alvo, ou ouve apenas alguns segmentos de discurso, de uma duração de entre aproximadamente 3 a 12 minutos (KALINA, 1998:23) e os interpreta nas pausas feitas pelo orador.

Neste trabalho, no entanto, será dada ênfase primordial na IS, modalidade esta que será descrita mais detalhadamente a seguir.

### **3.8 - A Interpretação Simultânea**

Apesar de sua denominação imprópria, “tradução simultânea”, a interpretação simultânea não é nem uma tradução, nem é estritamente simultânea com o discurso de insumo. Por conseguinte, parece-me que, para podermos definir a IS, é necessário primeiro esclarecer em que, exatamente, consiste o elemento de simultaneidade.

Nos anos 60 e 70, vários pesquisadores intrigados pelo fenômeno da simultaneidade na interpretação se dedicaram a estudar o assunto e, através de diferentes métodos e equipamentos, obtiveram resultados muito similares. Constatou-se que os intérpretes, na média, falam durante aproximadamente 70% do tempo total do discurso original (ver, por exemplo, CHERNOV, 1979). No entanto, em vez de definir a simultaneidade a partir da coincidência entre dois sons, um emitido pelo orador e outro pelo intérprete, parece-me muito mais interessante focalizar as várias operações realizadas, simultaneamente, pelo intérprete.

Desta forma, se considerarmos somente estas operações, a interpretação é simultânea no que consiste em ouvir, compreender e reformular, ao mesmo tempo, um discurso. Em vez de processar, em tempos distintos, as fases de escutar/compreender e

expressar, como num diálogo em que as duas fases comumente alternam, na IS elas se sobrepõem uma à outra. Isso ocorre sem que elas coincidam no tempo, uma vez que a reprodução de um segmento de discurso necessariamente precisa ocorrer depois da compreensão deste (LEDERER, 1981).

Em circunstâncias normais, as pessoas geralmente se concentram em uma coisa só por vez e, quando se trata de atos de comunicação, o mais comum é escutar um discurso só a cada vez. O intérprete simultâneo, entretanto, precisa prestar atenção a dois discursos ao mesmo tempo: ao discurso original e à sua própria interpretação deste. Como mostra Jones (2002:70), de certa forma, a IS pode ser comparada a tocar piano: o pianista precisa aprender a tocar com a mão direita e depois com a esquerda e, depois, precisa aprender a coordenar as duas, da mesma forma que o intérprete aprende a escutar a dois discursos ao mesmo tempo.

A tarefa do intérprete simultâneo consiste em, ao mesmo tempo, escutar, analisar e compreender o fluxo contínuo de palavras; moldar e ajustar, mentalmente, a mensagem para as convenções lingüísticas da língua alvo e transmitir a sua versão para os receptores do discurso. Além disso, o intérprete precisa monitorar sua própria fala, para assegurar que a velocidade desta esteja apropriada, que esteja inteligível para os receptores e que transmita o sentido original (como ele o entendeu). Além disso, deve-se ter consciência de que não há possibilidade de pedir ao orador para repetir ou para prestar esclarecimentos em casos de dúvida sobre um determinado elemento de discurso.

## **Capítulo 4: Fundamentação Teórica**

### **4.1 - Introdução**

Este capítulo objetiva apresentar e discutir os principais subsídios e conceitos teóricos necessários ao desenvolvimento deste trabalho.

Antes de entrarmos nas questões que dizem respeito, propriamente, aos fatores lingüísticos envolvidos na IS, objeto específico deste estudo, e até como forma de clarificá-los, considero pertinente estabelecer primeiro um quadro teórico fundamental através do qual estas possam ser estudadas.

Será apresentado, primeiramente, um modelo da capacidade de processamento na IS, proposto por Daniel Gile, que fornecerá o ponto de partida para a investigação das questões lingüísticas na interpretação.

Na segunda e última seção deste capítulo, examino a natureza e o papel da omissão na IS, através de uma discussão crítica das diferentes noções desta na literatura, principalmente no que concerne ao seu status enquanto erro ou estratégia.

### **4.2 - O Modelo dos Esforços (*Effort Model*) de Daniel Gile**

Nos anos 70, foram desenvolvidos vários modelos descritivos baseados no paradigma do processamento de informação (GERVER, 1975; MOSER, 1978) para mapear

as operações mentais da IS. Mais recentemente, Setton (1997) e Paradis (1994) desenvolveram seus próprios modelos, igualmente baseados nas ciências cognitivas.

No começo dos anos 1980, Daniel Gile desenvolveu um conjunto de modelos, os assim chamados Modelos dos Esforços (*Effort Models*), sob uma ótica diferente. O propósito desses modelos não era, como nos anteriores, descrever os processos na IS, mas explicar a ocorrência de erros e omissões identificados no desempenho de intérpretes simultâneos e consecutivos. Embora os modelos se baseiem em alguns conceitos emprestados das ciências cognitivas, a idéia subjacente a eles é que “com um mínimo de conhecimento sobre a arquitetura cognitiva, é possível desenvolver um conjunto de modelos com potencial explanatório e preditivo no nível do desempenho da interpretação” (GILE, 1999:154). Dessa forma, devido a sua natureza holística e objetivos distintos, os Modelos dos Esforços não estão em competição ou conflito direto com os modelos existentes dos processos mentais na IS, mas são largamente compatíveis a eles.

Uma vez que o foco principal deste estudo está na IS, limitarei a discussão ao Modelo de Esforços desta modalidade<sup>8</sup>. A base para o desenvolvimento deste modelo foi uma intuição do autor sobre a capacidade de processamento, que pode ser resumida às seguintes idéias centrais (GILE, 1995: 161):

A) A interpretação requer alguma forma de “energia” mental que somente está disponível em quantidade limitada.

B) A interpretação consome quase toda essa energia mental e, às vezes, requer mais do que o que está disponível, o que resulta em deteriorações do desempenho.

---

<sup>8</sup> Existe também um Modelo de Esforços para a interpretação consecutiva

A idéia de que existiria alguma ligação entre a deterioração do desempenho do intérprete e alguma forma de sobrecarga não era nova. Entretanto, foi a primeira vez que a capacidade de processamento foi utilizada como ferramenta conceitual em pesquisas em interpretação. A idéia, que originalmente tinha sido desenvolvida a partir de estudos sobre fios (elétricos) de comunicação, e, depois, adotada à mente humana pelos psicólogos cognitivos, era que algumas operações mentais (não-automáticas) requerem atenção ou capacidade de processamento enquanto outras (automáticas) não a requerem.

A proposta de Gile é que a IS consiste numa série de operações competitivas, por ele denominadas “esforços” porque implicam componentes conscientes, deliberados e, não raro, exaustivos. Essas operações são, por natureza, não-automáticas e, como tais, requerem capacidade de processamento do intérprete (GILE, 1995:162).

Segundo o Modelo dos Esforços, existem, na interpretação simultânea, os seguintes 3 componentes, ou esforços, principais:

- (1) Escutar e Analisar o texto de partida (Compreensão);
- (2) Produzir o discurso na língua alvo; e
- (3) Memória de curto prazo para o armazenamento e recuperação de informação.

Em geral, pode-se dizer que, a cada momento, cada Esforço trata um segmento de discurso diferente. Assim temos que, no caso mais simples, a Produção trata o segmento de discurso A enquanto a Memória trata o segmento B que seguiu A, e a Compreensão (Escutar e Analisar) trata o segmento C que seguiu B. No entanto, como lembra Gile, não é

incomum ocorrerem algumas sobreposições e inversões nessa ordem durante a interpretação. A antecipação, por exemplo, resulta na produção de um segmento de discurso na língua alvo antes mesmo de o segmento correspondente no discurso original ter sido enunciado (1995:170).

#### **4.2.1 - Problemas relacionados à capacidade de processamento**

O Modelo dos Esforços de Gile mostra que podem ocorrer problemas relacionados à capacidade de processamento quando um dos Esforços consome muita atenção do intérprete e, conseqüentemente, “rouba” a energia mental prevista (e necessária) para os demais Esforços. Dessa forma, o modelo explica como o processo pode ficar difícil ou até fracassar nos casos de sobrecarga em que o intérprete não possui a quantidade de capacidade de processamento necessária.

Como explica Gile, o intérprete pode, por exemplo, se esforçar tanto para tentar achar uma reformulação elegante de um dado segmento de discurso que não lhe restarão os recursos suficientes para a tarefa de Escutar e Analisar o próximo segmento (1995:171). Nesse caso, o problema está na administração imprópria da capacidade de processamento que resulta num *déficit* na capacidade de processamento de um dos demais Esforços.

Para que a interpretação possa ser efetuada sem problemas, os requerimentos para com os Esforços não podem exceder a capacidade de processamento disponível para os mesmos. No entanto, durante a realização da IS, o intérprete constantemente trabalha próximo ao nível de saturação e de sobrecarga e, de acordo com Gile, apesar das estratégias

de preparação, problemas ocorrem com frequência na interpretação, devido a limitações na capacidade de processamento, administração imprópria da mesma e lacunas no conhecimento do intérprete (1995:191).

Tomando os Modelos dos Esforços como base para sua teorização, Gile mais tarde formulou uma hipótese acerca da existência de “desencadeadores de problemas” (*problem triggers*) em determinados segmentos de discurso ou em tarefas que requerem maiores recursos de atenção. A suposição era a de que, se intérpretes trabalham próximo ao nível de saturação, até pequenos aumentos nos requerimentos de atenção, causados por desencadeadores de problemas, podem originar sobrecarga e, por conseguinte, resultar em erros ou omissões no desempenho do intérprete (GILE, 1999:157).

Estes desencadeadores de problemas, que requerem mais atenção por parte do intérprete, podem, ainda segundo Gile, gerar erros na interpretação à distância. Isto é, quando os recursos de atenção são desviados de um dos Esforços a outro, quando é preciso reforço, salvando assim um segmento de discurso, mas comprometendo um segmento ulterior (GILE, 1999). Dessa forma, embora uma dada palavra ou segmento de discurso não apresente dificuldades intrínsecas, pode haver erros ou omissões destes na versão do intérprete devido a problemas anteriores no processamento de outro segmento de discurso que, por assim dizer, acabou ‘roubando’ a energia mental necessária para o processamento dos segmentos posteriores.

Nesse ponto, vale observar que, além de dar como exemplo de um desencadeador de problemas em potencial os segmentos de discurso com baixa redundância, como os nomes próprios (GILE, 1999:157), o autor não chega a discutir ou descrever, mais detalhadamente, qual seria a natureza específica destes.

Porém, o que o Modelo dos Esforços de Gile nos permite entender, e que considero importante observar, é como e porque as omissões e erros, tanto formais quanto informacionais, podem ocorrer sem motivo aparente. Assim, a ocorrência de erros na interpretação pode se dever a dificuldades anteriores na capacidade de processamento. Portanto, as causas para a ocorrência de omissões na IS não devem ser procuradas somente nos segmentos de discurso apagados em si, mas também nos segmentos de discurso anteriores.

Desta forma, embora o Modelo dos Esforços talvez possa parecer simples, nele vejo uma base teórica sólida para fundamentar a discussão das omissões e desvios observados na IS, uma vez que este possui grande poder explanatório e analítico no que diz respeito à ocorrência destes no desempenho do intérprete.

Assim sendo, minha escolha deste modelo pode ser entendida sob dois ângulos. A partir de um ponto de vista mais amplo, minha escolha se deve à consideração de que o mesmo constitui uma importante contribuição para o entendimento dos processos envolvidos na interpretação; e, de um ponto de vista mais restrito, à consideração de que constitui um terreno fértil para o aprofundamento das problemáticas concernentes às omissões aqui investigadas.

#### **4.3 - Fatores lingüísticos como desencadeadores de problemas?**

Assim, como vimos na seção anterior, os Modelos dos Esforços de Gile e, em particular, a hipótese deste acerca dos desencadeadores de problemas nos serve como subsídio para explicar, através de conceitos emprestados das ciências cognitivas, a ocorrência de omissões e erros na IS.

Como Gile conclui, a existência de desencadeadores de problemas no texto pode comprometer e interferir na interpretação. Entretanto, a questão que surge imediatamente diante da hipótese exposta é a seguinte: qual seria a natureza destes desencadeadores de problemas, ou melhor, que tipo de elemento ou fator poderia causar a sobrecarga mental e causar omissões na IS? Diante da ótica aqui adotada, poderíamos especificar ainda mais a pergunta: poderiam os desencadeadores de problemas ser de natureza lingüística e, em caso afirmativo, em que, mais especificamente, consistiriam?

Uma vez que a omissão, na análise dos dados, servirá como o indicador de momentos na IS em que o intérprete encontrou problemas, possivelmente relacionados à sobrecarga na capacidade de processamento, dedicaremos a próxima seção à discussão do papel da omissão na IS através de uma apresentação das diferentes definições de omissão na literatura. Finalmente, indicaremos qual consideramos a abordagem mais adequada para as finalidades desta pesquisa.

#### **4.5 - Omissões**

A tarefa mais importante do intérprete, segundo grande parte da literatura que descreve o desempenho bem-sucedido na interpretação (ex. BUHLER, 1986), é transmitir toda a informação contida no discurso original tão precisamente quanto possível na sua interpretação. Como uma consequência disso, na avaliação da qualidade na IS (BARIK, 1972), as omissões comumente têm sido vistas como erros, como uma deficiência na interpretação.

No entanto, como observa Sunnari (1994), recentemente, esse princípio de “dizer tudo” tem sido criticado como sendo uma abordagem que não necessariamente funcione

bem em todas as situações. Por outro lado, continua a autora, a necessidade de comprimir o discurso e o objetivo de transmitir toda a informação nele contida não são, necessariamente, abordagens conflitantes ou mutuamente exclusivas, uma vez que o enunciado a ser interpretado geralmente contém um certo grau de redundância, que pode ser omitida sem que haja perda de informação relevante (SUNNARI, 1994:197). Esse ponto de vista também é apoiado por Shlesinger que enfatiza que:

Não se precisa reproduzir todo elemento de toda frase. É apropriado para o intérprete simultâneo produzir somente o sentido subjacente na frase. Isso é aceitável e muitas vezes até desejável já que uma interpretação de todo elemento separado de uma frase é propensa a esgotar os recursos cognitivos do intérprete e pode também ultrapassar a capacidade do ouvinte de processar o insumo na língua alvo. (SHLESINGER, 1999:69)

De maneira semelhante, Kohn & Kalina (1996) consideram o uso de compressão, por parte dos intérpretes, uma “importante estratégia geral de salvação” em que “somente os elementos de nível macro são reproduzidos. Além disso, toda informação repetitiva ou redundante é apagada [...]” (KOHN & KALINA, 1996:132).

As omissões que ocorrem na IS não devem, portanto, sempre ser consideradas erros. Às vezes, elas representam escolhas intencionais quando o intérprete, por exemplo, precisa reproduzir a informação dada no discurso original e não tem tempo o suficiente para interpretar todos os detalhes. O intérprete também pode optar por omitir alguns elementos por considerá-los redundantes ou pouco importantes, isso é, elementos que podem ser omitidos sem que isso afete o sentido da frase.

Dessa maneira, a omissão na IS pode muito bem ser, e freqüentemente é, o resultado de uma escolha intencional, que tem como objetivo “filtrar” o discurso original para obter economia de expressão. A omissão, entretanto, não sempre ocorre

propositalmente, mas pode ser causada por uma falta de capacidade de processamento de elementos lingüísticos, como vimos no Modelo dos Esforços de Gile. Dessa forma, quando a capacidade de processamento do intérprete, por um ou outro motivo, está saturada, pode ocorrer de o intérprete omitir um segmento de discurso simplesmente por não tê-lo ouvido.

Como, então, podemos determinar quando a omissão é um reflexo da (falta de) capacidade de processamento do intérprete e quando é o resultado de uma escolha intencional? Através do método da retrospectão, alguma informação relevante foi obtida sobre a causa das omissões. No entanto, várias das ocorrências de omissões na interpretação não foram comentadas pelos sujeitos pesquisados e, quando diretamente incentivados pelo pesquisador a fazer comentários a respeito, muitas vezes a resposta não ajudava a determinar, com certeza, se a omissão, de fato, foi cometida propositalmente ou não.

Alguns dos comentários obtidos como, por exemplo, “o orador estava falando muito rápido” não permite concluir se a omissão de determinado elemento de discurso foi o resultado de uma estratégia utilizada para alcançar o orador (condensação do discurso através da filtração) ou se esse elemento talvez simplesmente não tivesse sido ouvido pelo intérprete.

Determinar, com certeza, quais das omissões são, de fato, procedimentos estratégicos empregados pelo intérprete, resultantes de uma escolha consciente, e quais não o são é, portanto, uma tarefa muito complicada, se não impossível<sup>9</sup>. Até mesmo as omissões de frases inteiras, que resultam na perda definitiva de informação relevante, não

---

<sup>9</sup> Assuntos relacionados à consciência estão entre os mais controversos na literatura de psicologia. A questão sobre do que as pessoas têm consciência tem desempenhado um papel central na discussão vigente sobre se as pessoas, de fato, têm acesso a seus processos cognitivos ou se somente têm acesso aos produtos destes (ver, por exemplo, Ericsson & Simon, 1984). Além disso, é desnecessário dizer que tentar fazer uma distinção entre o processamento mental consciente e o processamento genuinamente inconsciente envolveria uma série de problemas práticos e analíticos.

podem ser descartadas como sendo possíveis resultados de uma estratégia. A escolha de não tentar reproduzir uma frase em que o intérprete não ouviu ou entendeu todos os elementos, possivelmente por causa de sobrecarga na capacidade de processamento, pode muito bem ser proposital. Nesse caso, entretanto, não se trata de uma estratégia de filtração ou de economia de expressão, mas de uma situação em que o intérprete opta por abandonar o problema em vez de se arriscar a não conseguir terminar a frase ou fazer uma interpretação que, sem os elementos apagados, faria pouco ou nenhum sentido.

O abandono do problema alivia a carga na capacidade de processamento e, conseqüentemente permite ao intérprete se concentrar nos próximos elementos de discurso a serem interpretados. Portanto, as omissões de frases inteiras podem ser, embora não necessariamente o sejam, procedimentos estratégicos e intencionais.

Devido aos problemas de classificação dos tipos de omissão (intencional ou não) acima discutidos, incluiremos, na análise qualitativa das duas interpretações, não apenas as omissões não intencionais (as falhas), mas todas as ocorrências de omissões registradas, uma vez que determinar, com certeza absoluta, o que é e o que não é proposital e consciente seria inviável. Incluiremos, portanto, todas as omissões presentes nas interpretações, somente desconsiderando as omissões de elementos supérfluos como, por exemplo, conjunções no começo de uma frase (“And to assist in the disarmament...”) e elementos claramente redundantes ou repetitivos no texto de saída.

Nesta análise, consideramos como omissões os elementos presentes na versão original que não são reproduzidos na interpretação. Trata-se das omissões claras, e não daquelas que resultam da substituição de um elemento por outro.

## **Capítulo 5: Materiais e Metodologia de Pesquisa**

### **5.1 - Material e condições do experimento**

O material usado para a IS nesta pesquisa consiste numa gravação em vídeo e áudio, de duração de 06:33 minutos, do começo do discurso apresentado pelo Secretário de Estado dos EUA, Colin Powell, perante o Conselho de Segurança da ONU, dia 5 de fevereiro de 2003, em que as alegadas provas contra o Iraque são apresentadas. O discurso se baseia num texto escrito, preparado para a apresentação oral. A língua de partida do material é o inglês americano, e a IS foi realizada para o português do Brasil.

O vídeo foi mostrado no monitor de um laptop, e para o áudio foram usados fones de ouvido com microfone para a gravação da IS. Para a gravação em áudio dos dois discursos – a interpretação realizada pelo sujeito pesquisado e o discurso original – foi utilizado um software gravador e editor de áudio digital, *Cool Edit Pro*. Esses dois discursos foram gravados no computador, em canais separados, de modo a possibilitar a repetição simultânea destes para uma comparação mais precisa.

Imediatamente depois da realização da tarefa, pediu-se aos sujeitos que comentassem as suas próprias interpretações. Os sujeitos ouviram as gravações da interpretação, acompanhando, ao mesmo tempo, a transcrição do discurso original em inglês. Eles foram instruídos a parar a gravação quando quisessem fazer um comentário qualquer relacionado à IS ou quando lembravam de alguma coisa que haviam pensado

durante a execução da tarefa. A pesquisadora também podia parar a gravação para solicitar aos sujeitos que fizessem um comentário caso sentisse que isso era necessário. O material empírico deste estudo, portanto, consiste nas ISs dos sujeitos, no discurso original (ambos gravados em áudio e transcritos) e nos comentários retrospectivos.

É importante mencionar que nenhum material de preparação ou informação sobre o discurso a ser interpretado foi fornecido aos sujeitos anteriormente à tarefa. Embora a fase preparatória, sem dúvida, seja crucial para a qualidade da interpretação, esta foi descartada com o intuito de podermos também estudar as omissões ocorridas em segmentos de discurso problemáticos que talvez pudessem ter sido evitadas através de uma preparação cuidadosa.

## **5.2 - Os sujeitos pesquisados**

Duas pessoas participaram nos experimentos desta pesquisa: um bilíngüe não-intérprete (doravante denominado Sujeito 1) e uma intérprete simultânea profissional (doravante denominado Sujeito 2), membro da associação de intérpretes APIC em São Paulo com mais de 20 anos de experiência de trabalho dentro do ramo. Ambos os sujeitos pesquisados têm o português como sua língua materna e o inglês como segunda língua.

Embora o Sujeito 1 não tenha sido treinado como intérprete, já teve experiência como intérprete simultâneo numa conferência realizada nos E.U. na qual ele foi chamado para substituir o intérprete profissional que não pôde participar. Além disso, já trabalhou em 5 ocasiões como intérprete consecutivo em palestras ou como acompanhante de brasileiros nos Estados Unidos.

### **5.3 - O método para o levantamento dos dados**

#### **5.3.1 - O estudo dos processos cognitivos: algumas considerações metodológicas**

Até recentemente, pesquisadores em tradução e línguas, em geral, fundamentaram suas pesquisas sobre o processamento da linguagem quase exclusivamente em dados extraídos das medidas externas dos processos cognitivos internos, se restringindo, na maioria dos casos, a análises do produto final (GERLOFF, 1987).

Entretanto, como apontam Faerch & Kasper, reconstruir os fenômenos não observáveis dos processos mentais somente através da análise do produto inevitavelmente implica situações em que a ambigüidade entre o produto e o processo não pode ser esclarecida (FAERCH & KASPER, 1987). Ademais, como observa Kalina na sua discussão sobre os métodos utilizados (e utilizáveis) em pesquisas em interpretação:

As investigações que estudam o produto podem conduzir à formação de uma série de hipóteses sobre os processos na interpretação e podem revelar determinados fenômenos e a frequência de ocorrência destes, mas [...] a questão sobre por quais processos o intérprete passa, se e como ele chegou a determinada decisão e até que ponto seu processamento é estratégico, ainda não pode ser respondida por este caminho. (KALINA, 1998:139)

Este conflito metodológico entre o objeto de investigação (o processo) e os dados disponíveis (o produto) têm levado à experimentação e integração de novos métodos de pesquisa. Hoje em dia, o tipo de pesquisa que enfoca apenas o produto é geralmente considerado inadequado para o estudo dos processos cognitivos. Nas palavras de Nunan,

“é amplamente reconhecido que, se quisermos entender o que as pessoas fazem, precisamos saber o que elas pensam” (NUNAN, 1992:115).

O que se tem visto, cada vez mais, é uma tentativa de se acessar diretamente o processo, não mais através de fontes externas ao sujeito, mas através de métodos introspectivos que envolvem depoimentos dos próprios sujeitos sobre as maneiras como organizam e processam a informação. A introspecção, provinda da psicologia cognitiva, é um método relativamente novo para a área de investigação dos estudos da linguagem, que nos últimos anos tem se tornado o principal meio indicado para nortear o tipo de pesquisa que procura centralizar as suas observações nos processos envolvidos no desempenho de determinada tarefa e não no produto final (SCHÄFFER, 2000).

Nas últimas duas décadas, grande parte das pesquisas sobre os processos envolvidos na tradução tem sido realizada com a utilização dos métodos introspectivos, principalmente os protocolos verbais (*think-aloud*) em que o sujeito pesquisado relata seus pensamentos, em voz alta, durante a execução de determinada tarefa.

No entanto, como aponta Vik-Tuovinen, há diferenças substanciais entre estudar a tradução e a interpretação. Quando se estuda a interpretação simultânea, os métodos que podem ser usados são limitados pela inviabilidade de o intérprete verbalizar seus pensamentos ao mesmo tempo em que efetua a interpretação (VIK-TUOVINEN, 2002:65). À luz dessas restrições práticas da tarefa da IS, o uso de *comentários retrospectivos* tem surgido como um método apropriado para investigar os processos cognitivos do intérprete.

Existem, segundo Faerch & Kasper (1987), duas formas de retrospecção, sendo elas a Retrospecção Imediata (em que os dados são recolhidos imediatamente depois da tarefa que está sendo investigada) e a Retrospecção Tardia (em que os dados são recolhidos horas, dias ou mais tempo depois da conclusão da tarefa).

De acordo com a teoria proposta por Ericsson & Simon (1993: xvi), um subconjunto das seqüências de pensamentos que surgem durante a execução de uma tarefa é armazenado na memória de longo prazo. Imediatamente depois do término da tarefa, ainda permanecem pistas para recuperação (*retrieval cues*) na memória de curto prazo que possibilitam a recordação das seqüências de pensamentos. Por conseguinte, quando os comentários retrospectivos são recolhidos através da Retrospecção Imediata, traços dos processos cognitivos supostamente ainda estão presentes na memória de curto prazo do sujeito pesquisado.

Por isso, esse procedimento parece ser particularmente adequado para estudos de aspectos da produção oral, como é o caso na presente pesquisa. A Retrospecção Imediata nos possibilita tomar conhecimento, pelo menos parcial, do que os sujeitos pesquisados, de fato, fizeram mentalmente. Teremos acesso a alguns dos processos cognitivos conscientes que conduziram a determinadas escolhas. Entretanto, como veremos na seguinte seção, a retrospecção como método de estudar os processos mentais na IS não está isenta de problemas.

### **5.3.2 - Problemas metodológicos relacionados ao uso da Retrospecção**

Desde seu surgimento, o método retrospectivo tem sido considerado altamente controverso, e muitas críticas têm sido feitas por vários pesquisadores e teóricos no que concerne à confiabilidade dos dados obtidos através do seu uso. Uma das principais críticas direcionadas ao método concerne ao espaço de tempo entre a tarefa investigada e a retrospecção. Segundo críticos, esse espaço de tempo pode, eventualmente, resultar em dados não confiáveis, incompletos e imprecisos, que não refletem o que o sujeito, de fato,

pensou durante a execução da tarefa (NUNAN, 1992). Devido ao tempo entre o evento e o relato retrospectivo, corre-se o risco de que muita informação importante possa ser perdida ou até distorcida por falta de memória do sujeito pesquisado.

Na obtenção de dados na IS, o tempo entre a tarefa a ser comentada e a retrospectão é determinado pela duração da interpretação. Portanto, quanto maior a distância de tempo entre a interpretação e a retrospectão, tanto maior o perigo de ocorrerem falhas de memória no sujeito pesquisado. Por isso, como argumenta Kalina, “apenas imediatamente depois da interpretação de um trecho não muito longo, as chances são maiores de realmente ainda poder captar as cognições” (1998:152). Para aumentar a confiabilidade dos dados obtidos através da retrospectão, utilizaremos, portanto, um trecho relativamente curto, de 06:33 minutos de duração, conforme descrito na seção anterior.

As críticas feitas ao método também são discutidas por Ericsson & Simon (1987), que argumentam que dados retrospectivos podem ser considerados uma fonte confiável de informação desde que eles sejam recolhidos sob determinadas condições. No que concerne à questão do tempo, os autores enfatizam, como Kalina, a importância em coletar os dados o mais rápido possível depois do evento investigado. Outro procedimento que eles sugerem, para aumentar a confiabilidade dos dados, é colocar à disposição do sujeito pesquisado *informação contextual* (por exemplo, uma gravação em áudio ou vídeo do evento) para reativar a memória deste, confrontando-o, mais uma vez, com a situação da tarefa (ERICSSON & SIMON, 1987).

Esse procedimento, chamado de *rememoração estimulada* (“stimulated recall”) foi também utilizado no presente trabalho. A IS foi gravada em áudio e, imediatamente depois da tarefa, o sujeito pesquisado foi incentivado a refletir sobre sua interpretação, apoiando-se na gravação da mesma para ativar a memória.

Entre os outros problemas relacionados à retrospectiva, pode ser mencionado o fato de que nem todas as decisões que o intérprete toma durante a interpretação são conscientes e nem sempre são lembradas. Segundo Ericsson & Simon, muitas pessoas têm uma tendência de querer adicionar informação que elas não lembram, mas acham que “devem” ter pensado (1993:20).

No entanto, embora o método, como vimos, apresente várias polêmicas, há situações, como a do presente trabalho, em que os dados simplesmente não poderiam ser coletados de outra maneira e em que a introspecção (a coleta de dados durante a execução da tarefa) não seria viável.

#### **5.4 Métodos para análise e avaliação dos dados**

A análise e avaliação dos dados serão efetuadas por meio de uma abordagem interpretativista. O propósito principal será a “reconstrução hipotética de relações de sentido” (LÖRSCHER, 1996). Determinados dados na transcrição da IS serão interpretados como sendo sinais ou indicadores da existência, no texto, de elementos problemáticos que possam ter originado omissões nas interpretações. Assim, esses indicadores constituirão a base para a formação de hipóteses acerca das causas para as omissões registradas.

Na análise da transcrição, o analista depende inteiramente da sua identificação e interpretação dos indicadores observáveis na transcrição para descobrir as causas para as omissões. Por isso, como alerta Lörscher (1996), o analista corre o risco de não interpretar certas marcas na transcrição como sendo elementos que possivelmente sejam a causa das omissões. Tentar identificar os elementos que originaram uma omissão, baseando-se

exclusivamente na análise da transcrição da IS seria, sem dúvida, um trabalho cheio de incertezas em que, na maioria dos casos, nem seria possível, sem dados adicionais, determinar com certeza qual o fator que influenciou a interpretação em um dado momento.

Por isso, para complementar os dados obtidos através da análise da transcrição, os suplementarei com os comentários feitos pelos sujeitos pesquisados durante a retrospectiva. Os comentários retrospectivos poderão nos ajudar a obter informação adicional importante, revelando algumas dificuldades encontradas na IS que não são diretamente identificáveis na transcrição.

## Capítulo 6

### Análise dos dados

#### 6.1 Introdução

Antes de entrarmos nos detalhes da análise dos dados, julgo importante ressaltar que, tendo como objetivo restrito o estudo das omissões observadas na IS, este trabalho não pretende analisar nem comentar os eventuais desvios presentes nas interpretações, assim como também foge ao escopo do trabalho avaliar a qualidade das mesmas.

As subdivisões deste capítulo representam os diferentes níveis lingüísticos que foram analisados, a saber, o nível léxico-semântico e sintático, bem como as variáveis temporais na IS.

Analisaram-se também o nível fonético e a sua possível relação com a ocorrência de omissões na IS, porém, não foi possível achar, nos dados concretos desta pesquisa, indícios de omissões potencialmente originadas de tais fatores. Entretanto, embora não fosse possível estabelecer uma relação de causalidade entre fatores fonéticos e a ocorrência de omissões registradas nas interpretações do experimento, julgo relevante apresentar, ao menos resumidamente, algumas das considerações feitas relativas a fatores fonéticos na IS. Estas serão expostas a seguir.

### **6.1.1 O nível fonético na IS**

Hoje em dia, a maioria das grandes conferências internacionais tem o inglês como língua oficial de comunicação nos discursos realizados. Isso, sem dúvida, ajuda a promover a compreensão entre os participantes de nacionalidades diferentes, mas pode também, em certas circunstâncias, ser um fator dificultante para o intérprete quando o palestrante não é falante nativo de inglês e fala com sotaque estrangeiro muito carregado. Nesse caso, em vez de facilitar a compreensão, pode acabar dificultando-a.

Não é, no entanto, apenas o inglês pronunciado com sotaque forte que pode ser problemático para o intérprete simultâneo. Até mesmo o inglês de um falante nativo pode-lhe causar dificuldades na percepção dos sons pronunciados. Isso se deve, primordialmente, a uma característica lingüística do inglês, relativa à fonética, que será abordada a seguir.

### **6.1.2 Ritmo da fala e a redução de vogais em inglês**

A maior diferença na “música” das línguas é a maneira que falamos as sílabas, sendo o ritmo da fala uma das principais características de um idioma. Línguas são comumente classificadas em línguas de ritmo acentual (*stress-timed*) e línguas de ritmo sílabico (*syllable-timed*). Embora nenhuma das línguas do mundo pertença cem por cento a somente uma destas categorias, todas se encontram numa escala entre as duas, aproximando-se mais a uma do que à outra.

O português do Brasil é comumente classificado como língua de ritmo sílabico sendo que a sílaba é a unidade que imprime o ritmo da fala e cada sílaba é pronunciada clara e distintamente em uma fração de tempo de duração semelhante (ABERCROMBIE, 1967).

Portanto, o tempo necessário para pronunciar uma frase depende diretamente do número de sílabas.

Em contraposição ao português, o inglês pertence predominantemente ao grupo de línguas de ritmo acentual onde o número de sílabas é irrelevante para a especificação da velocidade da fala uma vez que é o acento (as sílabas tônicas de determinadas palavras) que a determina (ABERCROMBIE, 1967). Vejamos, como exemplo, a palavra “approximately” que leva quase o mesmo tempo para ser pronunciada que a palavra “old”, apesar de a primeira conter 5 sílabas e a última somente uma.

Esta característica do inglês ocasiona algumas modificações fonéticas uma vez que as sílabas atônicas têm suas durações reduzidas em relação à duração das sílabas tônicas e, como resultado, os segmentos de sílabas atônicas tendem a ficar comprimidos e aglutinados, algumas quase desaparecendo.

Assim, cada fonema pode ser realizado não só na sua forma completa ou de citação, mas pode também sofrer uma série de modificações ou reduções. Dependendo do ambiente fonológico no qual as sílabas atônicas ocorrem, as unidades fonêmicas podem ser incorporadas às outras unidades lingüísticas ao seu redor ou mesmo apagadas totalmente.

Encontramos um exemplo deste tipo de redução de vogais no trabalho de Linda Gentry El-Dash (1993:76-77) que mostra como frases como “Let us go eat!” podem ser progressivamente reduzidas na medida em que são enunciadas com velocidade maior:

/lɛt, ʊs, gɔw, i:t/

/lɛʔ, tsgə, wi:t/

/tsgə, wi:t/

/skwi:t/

Além de apresentar essa característica de redução de vogais, o inglês é também uma língua mais econômica em sílabas do que o português. O número de monossílabas é muito superior quando comparado ao português e a média geral de sílabas por palavra também é inferior no inglês. Segundo Ricardo Schütz (2004), estudos de fonoaudiologia demonstram que a baixa média de sílabas por palavras do inglês se traduz numa dificuldade maior de percepção por oferecer uma menor sinalização fonética bem como menos tempo para decodificar a informação.

À luz do exposto, parece razoável supor que os fatores fonéticos aqui descritos possam também afetar negativamente a tarefa da IS uma vez que eles exigem uma maior acuidade auditiva por parte do intérprete no reconhecimento das palavras pronunciadas.

A análise dos possíveis problemas fonológicos no discurso original usado na presente pesquisa nos levou a concluir que, embora realmente houvesse sutis reduções de vogais, como é característica do inglês, o orador em geral pronuncia cada palavra com muita clareza e calma, fato este que também foi confirmado pelos dois sujeitos de pesquisa durante a retrospectiva. Não foi também possível constatar nenhum exemplo concreto, nas interpretações, em que as omissões registradas aparentam terem sido causadas por problemas de origem fonética.

No entanto, antes de encerrarmos a abordagem dos fatores fonéticos na IS, vale ressaltar e lembrar que a própria natureza da IS, em que dois discursos (a IS e o discurso original) se sobrepõem fonologicamente, constitui uma situação comunicativa problemática visto que o intérprete pode falhar em reproduzir um dado segmento de discurso simplesmente por não tê-lo ouvido porque ele, atrasado na sua interpretação, ainda está aplicando seus esforços mentais à tradução de um segmento anterior. Portanto, embora a constatação de tais dificuldades seja complicada, uma vez que o analista, para tanto,

depende quase inteiramente dos dados obtidos através da retrospecção, a influência dos fatores relativos ao som, no contexto da IS, é inegável.

Passamos agora a expor, nas próximas seções, os resultados da análise dos níveis lingüísticos em que nos foi possível estabelecer uma relação de causalidade entre a ocorrência de omissões nas IS e fatores lingüísticos.

## **6.2 - O nível léxico-semântico na IS**

Sem dúvida, interpretar requer muito mais do intérprete do que a fluência e o domínio das línguas envolvidas. Entretanto, não há também dúvida de que o ato da IS depende, primordialmente, da competência lingüística do intérprete.

Sem ter tempo para procurar por palavras em dicionários, é óbvio que o intérprete pode ter problemas relacionados ao léxico porque embora naturalmente espere-se dele um grau de fluência excepcional nas línguas envolvidas na interpretação, lhe é impossível conhecer todas as palavras existentes nelas, como também o é para uma pessoa comum na sua própria língua materna.

Dentro do campo da lingüística, comumente divide-se o conhecimento lingüístico em vocabulário ativo e passivo. Seguindo este curso, todo o conhecimento lingüístico armazenado de uma pessoa pode ser ativo ou passivo, ou seja, pode ser usado para a comunicação ou apenas para a compreensão.

De acordo com Jack Richards (1985:3), o conhecimento passivo, que é sempre muito mais extenso que o ativo, mesmo na língua nativa, pode chegar a 100.000 palavras, no caso de um falante nativo, e o ativo, a apenas 10.000/20.000. Em línguas estrangeiras, o

ativo pode chegar a 3.000/5.000 e o passivo a 5.000/10.000. Embora se possa questionar a própria quantificação de vocabulário<sup>10</sup>, o fato é que, no momento da IS, todo o vocabulário do intérprete precisa ser ativado, ou seja, precisa fazer parte do repertório ativo deste. Onde houver lacunas no vocabulário do intérprete, inevitavelmente surgirão pausas, omissões ou substituições no texto alvo.

Entretanto, vale mencionar que não são só as lacunas no vocabulário, por falta de conhecimento, que podem causar problemas na interpretação porque o intérprete pode muito bem conhecer a palavra e saber exatamente o que significa – mas não lembrar, no momento exato da IS, qual é a palavra equivalente na língua alvo. Nesta situação, o intérprete pode se ver obrigado a omitir a palavra problemática para não se deter muito em uma palavra só e com isso correr o risco de comprometer outros elementos importantes do discurso.

Considerando agora os dados concretos das duas interpretações a serem analisadas neste trabalho, vale observar que nenhum dos dois sujeitos de pesquisa manifestou, durante a retrospectiva, ter experimentado problemas com relação à compreensão do texto original. Por não ser um discurso muito técnico, ele apresentou muito poucas palavras que, por serem pouco usadas na linguagem do dia-a-dia, poderiam causar problemas nesse sentido.

Apenas podia-se constatar uma única ocorrência, na interpretação feita por Sujeito 1, em que uma palavra técnica do texto original, “warheads”, é substituída por uma supergeneralização com a palavra “armas” que, embora não seja equivalente à palavra em

---

<sup>10</sup> Afinal de contas, o que quer dizer “saber uma palavra”? Como deveríamos classificar, por exemplo, uma palavra como o verbo “ficar” do português ou o verbo “to take” em inglês, para os quais existe uma dezena de significados? Saber apenas um ou dois dos significados seria “conhecer” o verbo? E mesmo que tivéssemos pleno conhecimento, passivo ou ativo, sobre palavras como, por exemplo, o adjetivo “large” e o substantivo “lie” porém não soubéssemos que a combinação de ambos (\*large lie) não ocorre jamais, como classificaríamos a situação?

inglês, ao menos transmite a idéia geral. Durante a retrospectiva, o sujeito afirmou ter entendido e reconhecido a palavra em inglês, quando a ouviu, mas não lembrou, na hora exata da IS, da palavra equivalente em português.

Neste caso, a palavra não é omitida, mas substituída por outra que se encaixa semanticamente ao resto da frase. Entretanto, se analisarmos a interpretação da frase em sua totalidade, na qual aparece a palavra “warheads”, podemos observar uma série de omissões, possivelmente causadas pela pausa (tempo perdido, necessário ao processamento do resto da frase) feita pelo sujeito enquanto estava procurando a palavra certa para a tradução de “warheads”. As palavras omitidas na IS estão sublinhadas no texto inglês.

As you will recall, the inspectors found 12 empty chemical warheads on January 16. Como se sabe, em janei.... em 16 de janeiro foram encontradas [...] armas químicas.

A tradução de uma palavra por outra precisa ocorrer de maneira praticamente instantânea e automática no cérebro do intérprete para que não haja omissões na interpretação. Por isso, não basta o intérprete conhecer todas as palavras ouvidas no discurso: ele precisa também ser capaz de achar a palavra equivalente na língua alvo imediatamente, sem (muita) hesitação.

Sem embargo, não se pode descartar a possibilidade de que a ocorrência de dois valores numéricos no excerto acima citado também pode ter influenciado a interpretação, resultando nas omissões nela registradas. Este fator será elaborado mais adiante.

Obviamente, palavras totalmente desconhecidas pelo intérprete podem lhe constituir elementos problemáticos, mas por outro lado, seu significado pode, às vezes, ser inferido através do contexto. Enquanto todas as palavras de uma dada língua poderiam, potencialmente, causar problemas ao intérprete se a palavra equivalente na língua alvo não

lhe vem à mente, existem, no entanto, certos tipos de palavras e expressões que comumente causam mais dificuldade na IS que outras. Um bom exemplo destas palavras problemáticas são os assim chamados *phrasal verbs* do inglês, também conhecidos no alemão (*trennbare Verben*), que serão examinados a seguir.

### **6.2.1 Os Phrasal verbs**

Os *phrasal verbs* do inglês têm uma estrutura bastante peculiar<sup>11</sup>: um verbo se associa a um advérbio de lugar ou/e a uma preposição e, desta forma, gera uma combinação que adquire significado distinto do somatório das partes que a compõem.

O maior problema dos *phrasal verbs*, para pessoas que não têm o inglês como língua materna, é o fato de que seu significado muitas vezes pode parecer obscuro, no início, e muitas vezes carregam vários sentidos diferentes. Só para citar um exemplo, “to make out” pode significar enxergar ou compreender alguma coisa, mas também pode significar abraçar e beijar o namorado, dependendo do contexto. O *phrasal verb* “to come out”, por sua vez, teria, segundo dicionários, nada menos que dezoito significados diferentes.

Não só podem os *phrasal verbs* ter vários significados como os verbos podem ser combinados com diferentes preposições ou com outras palavras e assim ganhar significados totalmente diferentes. Vejamos o exemplo do verbo “to stand”: stand out, stand in, stand off, stand by, stand fast, stand down, stand against, stand for etc.

---

<sup>11</sup> Costuma-se dizer que o português não tem nada semelhante aos *phrasal verbs*, entretanto, em um artigo interessante de Mário Eduardo Viaro (2003), mostram-se exemplos de construções do português coloquial semelhantes às do inglês (por exemplo, a expressão “dar para trás”, “estar por cima”, “ficar por dentro”).

Para que não haja falhas ou omissões na IS, o intérprete precisa ser capaz de reconhecer, imediatamente, o significado específico do *phrasal verb*, no contexto em que aparece, ou tentar inferi-lo deste. Portanto, com sua falta de transparência e seus significados múltiplos, parece mais que provável que os *phrasal verbs* possam constituir possíveis desencadeadores de problemas na IS.

Analisando as transcrições dos dois experimentos, observamos algumas situações interessantes em que as omissões registradas parecem estar diretamente associadas à presença de *phrasal verbs* no discurso original.

Vejamos o seguinte trecho da IS do Sujeito 1:

This message would have verified to the inspectors that they have been trying to turn over things. They were looking for things. But they don't want that message to be seen because they were trying to clean up the area to leave no evidence behind of the presence of weapons of mass destruction. And they can claim that nothing was there. And the inspectors can look all they want and they will find nothing.

Essa mensagem teria verificado aos inspetores de que na verdade [.....] na verdade o que os oficiais queriam era não deixar nenhuma evidência e sim simplesmente limpar a área e se certificar de que os inspetores não [..] não veriam essa munições proibidas.

O Sujeito 1 comentou, durante a retrospectiva, que o *phrasal verb* deste trecho (to turn over) “travou o sistema” e fez com que ele perdesse não apenas esta palavra, mas também o começo da frase seguinte e o forçou a condensar e reformular a informação contida nas frases seguintes. Com isso, ele acabou também perdendo as duas últimas frases do trecho que são omitidas por inteiro.

Trata-se, sem dúvida, de um *phrasal verb* bastante “enganador” uma vez que o significado deste, dentro do contexto específico do discurso, difere dos significados mais

usuais desta palavra. Segundo o Novo Dicionário de Expressões Idiomáticas Americanas (2003), “to turn over” pode ter os seguintes significados:

1. girar, revolver, virar (para outra posição, outro lado)
2. virar de cabeça para baixo, capotar
3. entregar, passar às mãos de, transferir
4. movimentar (dinheiro em negócio)
5. comprar e vender (mercadoria)

O contexto geral do discurso, em que Colin Powell tenta apresentar provas de que os iraquianos esconderam as armas de destruição em massa, deslocando-as constantemente, faz com que se pode descartar, prontamente, os três últimos significados acima citados. O sentido do verbo neste contexto específico surge por extensão do sentido de “revolver” ou “virar de cabeça para baixo” e poderia, por exemplo, ser traduzido pelo verbo “disfarçar”, “ocultar da vista” ou, ainda, por “mudar” ou “modificar”. O fato é que seu significado não é transparente e, portanto, precisa ser inferido pelo contexto.

Que o significado não era facilmente reconhecível também fica evidente na interpretação realizada pelo Sujeito 2 em que o *phrasal verb* é traduzido por “entregar”, tradução esta que, embora não omita nenhum elemento do discurso original, acaba distorcendo e praticamente invertendo o significado intentado.

Vamos analisar mais um trecho em que a presença de um *phrasal verb* claramente causa dificuldades para os sujeitos pesquisados. Vejamos, primeiro, a interpretação do Sujeito 1:

Resolution 1441 gave Iraq one last chance, one last chance to come into compliance or to face serious consequences.

A Resolução 1441 dá uma [...] a última chance para o Iraque ou então o Iraque [...] encontraria conseqüências sérias.

Neste excerto, nota-se a omissão, por completo, do *phrasal verb* “to come into” (compliance) que, de acordo com o Webster’s Dicionário Inglês-Português (HOUAISS, 2002), significa: “herdar, tomar posse de, entrar em, adquirir, juntar-se a”, sendo que nenhuma destas alternativas combina bem com a palavra “compliance” (que significa “aquiescência, obediência, submissão”). A tradução, portanto, não pode ser feita de forma direta, mas exige uma reformulação. A expressão poderia, por exemplo, ser traduzida por “sujeitar-se” ou “enquadrar-se”.

Neste caso, a omissão é direta, por assim dizer, uma vez que a palavra problemática também é a palavra omitida na frase. Existem, como veremos mais adiante, também exemplos de situações em que a palavra difícil não é omitida, mas causa o apagamento de alguns elementos subsequentes.

Antes de prosseguir, devo mencionar que a omissão do segundo sintagma nominal “one last chance”, na interpretação do Sujeito 1, não é tratada como tal nesta análise uma vez que se trata de um elemento repetitivo cujo propósito de dar ênfase às palavras é mantida através da maior intensidade com que as palavras são pronunciadas na interpretação.

Para efeito de comparação, vejamos o mesmo excerto tirado da interpretação realizada pelo Sujeito 2, porém, também com a inclusão da frase subsequente:

Resolution 1441 gave Iraq one last chance, one last chance to come into compliance or to face serious consequences. No council member present in voting on that day had any illusions about the nature and intent of the resolution or what serious consequences meant if Iraq did not comply.

A Resolução 1441 deu ao Iraque uma última oportunidade, uma última oportunidade de aceitar, acatar ou sofrer reprimendas graves. [...] Qualquer resolução e natureza e intenção dessa resolução ou [...] o que conseqüências sérias significam caso o Iraque não aceitasse.

Podemos observar que o intérprete, neste trecho, se corrige ao trocar o verbo “aceitar” por “acatar”, verbo este que realmente transmitiria o significado da expressão “to come into compliance” perfeitamente, mas que, porém, está incompleto, uma vez que “acatar” é um verbo transitivo direto que requer um objeto direto no seu sintagma verbal (poderia ser, por exemplo, “a resolução” ou “as instruções”). Nesta situação, parece plausível que a autocorreção, originada pela dificuldade em traduzir o *phrasal verb*, tenha resultado na perda de informação do começo da frase seguinte (“No council members present...”) visto que, com ela, perdeu-se tempo valioso. Embora o intérprete, apesar de não ter ouvido o começo da frase, se arrisque a tentar reconstruir o sentido geral, emendando as palavras ouvidas, não consegue e acaba produzindo uma frase sem sentido.

Vale observar que o intérprete profissional, neste trecho, em vez de fazer uma tradução mais direta de “to face serious consequences” (enfrentar sérias conseqüências), opta por dizer “sofrer reprimendas graves”, tradução esta que, possivelmente, também tenha requerido mais esforços e mais tempo de processamento do que uma tradução mais direta. O mesmo vale, por analogia, para a tradução do inglês “chance” para a palavra “oportunidade” que o intérprete escolheu em vez do cognato em português, “chance”. Foi revelado, durante a retrospectiva, que esta é uma abordagem proposital adotada com o intuito de evitar anglicismos na sua interpretação para o português.

### **6.2.2 Palavras com baixa redundância**

Entre os outros tipos de palavra que, potencialmente, possam constituir elementos problemáticos na IS são os nomes próprios (principalmente os compostos), valores numéricos, expressões idiomáticas, siglas e acrônimos. O principal fator problemático deste tipo de palavra consiste no fato de que ela apresenta baixa redundância e, em muitos casos, requer conhecimento cultural muito específico, como é o caso dos acrônimos e siglas que, na maioria das vezes, precisam ser decifrados e explicitados para fazerem sentido na língua alvo.

Reconhecendo as dificuldades intrínsecas desta categoria de palavras, os intérpretes costumam pedir aos organizadores do congresso/palestra uma lista dos nomes próprios, siglas e acrônimos a serem utilizados nos discursos; material este que, sem dúvida, constitui elemento chave na fase preparatória do intérprete. Tal lista não é, entretanto, garantia contra a ocorrência, nos discursos a serem interpretados, de elementos desconhecidos desta categoria uma vez que é comum um orador mudar um pouco de rumo durante a apresentação de seu discurso ou adicionar partes novas que lhe vêm à mente no decorrer da apresentação<sup>12</sup>.

Na análise dos dados desta pesquisa, vale lembrar que os dois sujeitos não tiveram acesso a nenhum tipo de material para uso preparatório, nem sequer foram informados, anterior à tarefa, sobre o assunto do discurso a ser interpretado, circunstância essa que, sem dúvida, desencadeou uma série de omissões.

---

<sup>12</sup> Ver capítulo 3.5

Observemos o seguinte trecho em inglês, seguido pelas duas interpretações em português:

*(Colin Powell: I asked for this session today for two purposes.)*

First, to support the core assessments made by Dr. Blix and Dr. ElBaradei. As Dr. Blix reported to this council on January 27<sup>th</sup> (...)

*Sujeito 1:*

Primeiro [...] para apoiar as resoluções feitas pelo senhor [...] pelo senhor [...] no dia 27 de janeiro (...)

*Sujeito 2:*

Primeiro, para apoiar os as os comentários feitos pelo Dr. Bush e o Dr. ElBaradei. Eles foram relatados em janeiro de, dia 27 de janeiro (...).

Estes trechos nos servem de amostra bem clara das dificuldades originadas por nomes próprios, devido a sua falta de redundância. Neste mesmo excerto, pode-se ainda observar a dificuldade do Sujeito 2 de reproduzir a data presente no discurso original (January 27th). O problema surge quando o intérprete, primeiro, começa sua interpretação seguindo a ordem das palavras do texto inglês, o que lhe força a voltar atrás no texto para recomeçar, invertendo a ordem das palavras.

Valores numéricos, em geral, são difíceis de reproduzir numa outra língua, fato este que também ficou evidente durante o nosso experimento: o Sujeito 2 anotava, no papel, vários dos números *enquanto* os reproduzia, em português. Depois, explicou que este é um método que usa para melhor lidar com valores numéricos, em reconhecimento da sua dificuldade intrínseca de traduzi-los.

É interessante também observar que, nas duas interpretações, a palavra “core” foi omitida. A dificuldade de interpretar esta palavra provavelmente está associada ao fato de se tratar de um substantivo que, nesta frase, assume o papel de adjetivo qualificativo. “Core” significa “centro, essência, núcleo, âmago” (HOUAISS, 2002) e, neste contexto, em que exerce a função de substantivo atributivo (*attributive noun*), precisa ser traduzido por um adjetivo, em português, como por exemplo “principais”.

Como era o caso do *phrasal verb* “to turn over”, cujo significado neste discurso diferiu consideravelmente do seu uso comum, a utilização do substantivo “core”, na função de adjetivo qualificativo, pode ter confundido os dois sujeitos, resultando na omissão deste.

Finalmente, como um exemplo das dificuldades de interpretar siglas e acrônimos, vejamos a seguinte frase do discurso:

*Colin Powell:*

And to assist in the disarmament, we called on Iraq to cooperate with returning inspectors from UNMOVIC and IAEA.

*Sujeito 1:*

Para ajudar no desarmamento de Iraque, nós pedimos a esse país para que [...] para que inspetores fossem ao país [...]

*Sujeito 2:*

Para ajudar no desarmamento, pedimos ao Iraque para cooperar, enviando novamente inspetores.

Nesta situação, a única saída para os dois sujeitos realmente foi a omissão do acrônimo (UNMOVIC) e da sigla (IAEA), ou, alternativamente, uma reprodução fonética dos sons ouvidos. Entretanto, essa última solução não adiantaria muito para o receptor leigo no assunto, uma vez que as duas abreviações mencionadas são pouco conhecidas e, portanto, não fariam sentido em português. Porém, mesmo se o intérprete conhecesse as abreviações e soubesse o significado destas, entraria em jogo outro problema caso ele

resolvesse explicitá-las porque, além de precisar falar onze palavras em vez de apenas duas, teria que inverter a ordem das palavras:

UNMOVIC – United Nations Monitoring, Verification and Inspection Commission  
Comissão de Monitoração, Verificação e Inspeção da ONU.

IAEA - International Atomic Energy Agency  
Agência Internacional de Energia Atômica.

Na próxima seção sobre sintaxe, analisaremos mais em detalhe esta questão da inversão da ordem das palavras e como isso pode influenciar a IS.

### **6.3 O nível sintático na IS**

Vimos, na seção anterior, a importância de o intérprete ter um conhecimento excepcionalmente amplo do vocabulário das línguas envolvidas na IS, para evitar omissões e erros na sua produção na língua alvo. Como pudemos concluir, onde há lacunas no conhecimento lexical do intérprete, inevitavelmente haverá omissões, substituições ou desvios na interpretação. Porém, também ficou claro que não somente as lacunas no conhecimento lexical podem resultar em erros e omissões como também as situações em que o intérprete conhece a palavra e a entende perfeitamente, porém não lembra, na hora exata da IS, o equivalente a esta na língua alvo.

Sem dúvida, um vocabulário extenso é o *sine qua non* da IS. No entanto, assim como não é o número de páginas que define a qualidade de um livro, não é o número de palavras, por si só, que determina a habilidade lingüística do intérprete. São necessárias as regras do jogo além das peças.

Examinaremos, nesta seção, o nível sintático na IS e a sua possível relação com a ocorrência de omissões.

Interpretar entre duas línguas sintaticamente diferentes pode, em certos aspectos, ser mais difícil do que interpretar entre línguas cujas estruturas são sintaticamente semelhantes. Um exemplo clássico e muito claro das dificuldades de origem estrutural é a IS de alemão para inglês. Uma vez que, em alemão, o verbo frequentemente localiza-se no final da frase, o intérprete às vezes precisa esperar muito tempo antes de poder processar e, subseqüentemente, traduzir o significado do verbo alemão. Esperar até o orador terminar sua frase pode, naturalmente, causar sobrecarga na memória (o terceiro esforço no modelo de Gile) que, por sua vez, pode resultar na ocorrência de omissões de elementos importantes.

Embora o inglês e o português, que são as duas línguas usadas nas interpretações realizadas nesta pesquisa, não apresentem essa mesma diferença estrutural, há, no entanto, outras diferenças sintáticas notáveis que merecem ser estudadas aqui.

Em inglês, os sintagmas nominais que contêm vários modificadores adnominais tipicamente apresentam uma estrutura de ramificação à esquerda (*left-branching*) enquanto o português apresenta características opostas com clara tendência à ramificação à direita (*right-branching*). Em outras palavras, em inglês, o núcleo do sintagma nominal se localiza à esquerda em relação aos seus modificadores e em português, à direita. Assim, enquanto

diz-se, em inglês, “A blue tropical deep sea butterfly fish”, em português, esse mesmo sintagma nominal seria “Um peixe borboleta, tropical, azul, de alto-mar”.

No contexto da IS, essa diferença estrutural entre as duas línguas significa, na prática, que o intérprete, para traduzir esta expressão, terá que fazer uma pausa e esperar até ouvir o núcleo “butterfly fish” para processá-lo, de trás para frente, invertendo a ordem das palavras. Antes de ouvir a palavra-chave “butterfly fish”, não há como o intérprete começar a interpretar o sintagma para o português, a não ser, é claro, que ele já estivesse esperando justamente essa palavra, com base no contexto específico do discurso.

Esse tipo de construção é, sem dúvida, problemática para o intérprete simultâneo uma vez que, quando ele começa a interpretar o sintagma, o orador já está bem a frente dele, terminando o resto da frase ou começando uma nova. O fluxo contínuo de palavras exerce grande pressão na memória de curto prazo do intérprete que, conseqüentemente, pode ser obrigado a omitir alguns segmentos de discurso para alcançar o orador novamente.

Foi possível registrar, nas duas interpretações analisadas nesta pesquisa, algumas situações em que esta diferença estrutural aparenta ter resultado em omissões por parte do intérprete. Vejamos o seguinte trecho do discurso em inglês, seguido pela interpretação do Sujeito 1:

*Colin Powell:*

This is an important day for us all as we review the situation with respect to Iraq and its disarmament obligations under U.N. Security Council Resolution 1441.

*Sujeito 1:*

Isso é um dia muito especial hoje quando nós revemos a situação do Iraque e as suas obrigações em relação ao Conselho de Segurança e a Resolução 1441.

Como se pode observar, há, na IS do Sujeito 1, três ocorrências de omissões em relação ao texto original. Pode-se talvez discutir a importância do primeiro segmento omitido, “for us all”, embora se possa também argumentar que Colin Powell, com o “para nós todos” justamente quisesse enfatizar que a situação no Iraque não interessava apenas aos americanos, mas ao mundo inteiro. As outras duas omissões são, no entanto, mais interessantes para a ótica lingüística aqui adotada, à medida que se tratam de omissões de segmentos em sintagmas nominais com ordem invertida.

Uma vez que, nos dois elementos omitidos, se trata da mesma estrutura essencial e, por conseguinte, das mesmas dificuldades, restringir-nos-emos a uma análise detalhada do último sintagma nominal (*U.N. Security Council Resolution 1441*) que, por conter um número consideravelmente maior de modificadores, apresenta maiores obstáculos ao intérprete simultâneo.

É interessante notar que o segmento omitido é o primeiro elemento do sintagma nominal em inglês o que, na verdade, não é nada estranho se considerarmos o fato de que é este elemento que precisa ficar armazenado por mais tempo na memória de curto prazo antes de ser utilizado na versão em português. Portanto, é o elemento que mais facilmente se esquece.

A inversão da ordem das palavras, em português, do sintagma em questão, em comparação à ordem em inglês, teria que ser:

U. N. Security Council Resolution 1441<sup>13</sup>.  
(6) (5) (4) (3) (1) (2)

---

<sup>13</sup> A ordem de palavras aqui proposta pressupõe a tradução de “U.N” por “Nações Unidas”, que foi a escolha de palavras do sujeito profissional. Entretanto, também seria possível traduzir “U.N.” por “O.N.U”.

Vale observar, para efeito de comparação, que o Sujeito 1 utiliza outra ordem de palavras, a saber:

U.N. Security Council Resolution 1441  
(0) (2) (1) (3) (4)

Na realidade, essa mudança na ordem das palavras não altera o significado essencialmente e pode até ter “salvado” a interpretação deste sintagma uma vez que a ordem de palavras escolhida lhe possibilita ao intérprete começar a sua IS alguns instantes antes e, com isso, alivia mais rapidamente a carga na memória.

Devemos mencionar, ainda, que o Sujeito 1, durante a retrospectiva, manifestou que ele teve dificuldade em lidar justamente com as inversões da ordem das palavras, comentário este que apóia a nossa hipótese de que tais diferenças estruturais podem desencadear problemas na IS que, por sua vez, podem resultar em omissões.

Algumas combinações de línguas certamente impõem maiores dificuldades à tarefa da IS que outras, devido às diferenças estruturais existentes entre elas. Entretanto, isto não significa, como também lembra Anne Schjoldager (1995:38-39), que a interpretação entre línguas sintaticamente diferentes seja sempre mais difícil que entre línguas mais semelhantes. Existem também outras dessemelhanças que podem dificultar o processo de IS tanto quanto a sintaxe, por exemplo, diferenças conceituais ou culturais.

Uma vez que o fator tempo continuamente tem surgido em todos os níveis lingüísticos na IS aqui descritos, terminaremos a análise dos dados focalizando as variáveis temporais na IS e a sua possível ligação com a ocorrência de omissões.

#### **6.4 Variáveis temporais na IS**

Não é incomum ouvir pessoas comentando sobre o tamanho relativo de textos traduzidos do inglês para o português e do português para o inglês. A opinião convencional é a de que o português em geral é mais verboso que o inglês e que as traduções para o português tendem a ser mais longas que o texto original em inglês, enquanto as traduções para o inglês tendem a ser mais curtas que o texto original em português (FRANKENBERG-GARCIA, 2002).

É, entretanto, extremamente difícil testar tais alegações. As características sintáticas e morfológicas de cada língua fazem com que fique praticamente impossível usar uma única escala para a medição do tamanho de textos. Se o tamanho de um texto, por exemplo, seja medido com base na quantidade de palavras, não é difícil ver que qualquer que fosse o critério usado para a contagem de palavras, este afetará as línguas de forma diferente: Algumas línguas têm palavras muito compridas (por exemplo, alemão e húngaro), enquanto outras (por exemplo, chinês) têm muito poucas palavras com mais de uma ou duas sílabas. Se compararmos o inglês e o português, vemos que o inglês, por exemplo, permite contrações como *wasn't*, o que não é possível em português: *não foi*. Em contraposição, é possível fazer frases inteiras em português compostas de uma única palavra: *terminei*; frase esta que requereria duas ou três palavras numa tradução para o inglês: *I ('ve) finished*.

No contexto da IS, não é somente a quantidade de palavras por si só que interessa, mas sim, a relação entre a quantidade de palavras e o tempo (a velocidade) da fala. Entre as variáveis temporais na IS, a influência da velocidade da fala na produção do intérprete foi estudada por, entre outros, Gerver (1975). De acordo com Gerver, 100-120 palavras por minuto (PPM) é a velocidade ideal para a IS. Em um estudo realizado por ele em 1969,

demonstrou-se que um aumento na velocidade da fala aumentou a carga cognitiva dos intérpretes, resultando em uma quantidade maior de erros e omissões (GERVER, 1975). Outro estudo realizado por Barik (Lee, 1999) determina a velocidade ideal para 100 PPM.

Os problemas envolvidos em medir a velocidade de palavras, porém, persistem quando queremos comparar a velocidade da fala em línguas diferentes. Pesquisas mostraram que o finlandês, por exemplo, era mais rápido que o inglês, se contamos as sílabas por segundo, mas mais lento se contamos as palavras, uma vez que palavras finlandesas tendem a ser mais compridas que palavras inglesas.

Esta diferença interlingual poderia ter um impacto sério na precisão das medições e, por este motivo, muitos pesquisadores escolheram contar a quantidade de sílabas faladas dentro de um dado período de tempo. Comumente, utiliza-se a medição de sílabas por minuto (SPM). Para as finalidades da presente pesquisa, utilizaremos a contagem de PPM e de SPM para determinar a velocidade da fala nas interpretações em comparação ao discurso original. Isso porque, embora acreditemos ser mais precisa a medição de sílabas por minuto, não existe, na literatura sobre a IS, nenhuma indicação da velocidade de fala ideal medida em SPM, somente em PPM (ver acima). Portanto, para fins de comparação com os dados da literatura, incluiremos ambas as medidas.

Uma análise quantitativa das transcrições dos três discursos desta pesquisa foi realizada com o objetivo de medir a velocidade da fala. Para facilitar a comparação, os dados obtidos desta análise são apresentados na tabela a seguir:

	<b>TTD</b>	<b>TTP</b>	<b>TTA</b>	<b>QTP</b>	<b>PPM</b>	<b>QTS</b>	<b>SPM</b>	<b>Omissões</b>
<b>Locutor</b>	6min. 33 s	1min 23s	5min 10s	949	150	1543	244	-----
<b>Sujeito 2</b>	6min 35 s	40s	5min 55 s	908	142	2021	318	92
<b>Sujeito 1</b>	7min 36s	1min 50s	5min 46 s	779	105	1689	229	229

Legenda:

TTD = Tempo Total de Discurso

TTP = Tempo Total de Pausas

TTA = Tempo Total de Articulação (TTD - TTP = TTA)

QTP = Quantidade Total de Palavras

PPM = Palavras Por Minuto

QTS = Quantidade Total de Sílabas

SPM = Sílabas Por Minuto

É interessante observar que, embora a quantidade total de palavras (QTP) dos dois sujeitos seja inferior à do locutor, em ambos os sujeitos a quantidade total de sílabas (QTS) supera a do locutor. Esse fato reflete uma diferença entre as duas línguas envolvidas, já abordada no cap. 6.1.2, isto é, o fato de que o inglês contém um número de monossílabas muito superior quando comparado ao português e, em geral, tem uma média de sílabas por palavra inferior à do português.

Se focalizarmos a medição realizada em PPM, podemos constatar que este número, no locutor, é consideravelmente maior à velocidade ideal para a IS, estimada para ser entre 100-120 PPM, como vimos anteriormente. Este fato, por si só, talvez possa explicar algumas das ocorrências de omissões nas interpretações. O quadro, porém, fica ainda mais nítido quando analisamos a proporção entre a quantidade de sílabas por minuto nas interpretações em relação à do discurso original.

Um aspecto bastante notável da tabela acima é o fato de que a IS do Sujeito 2 contém nada menos que 30% de SPM a mais que o discurso original. Nesse ponto, é interessante também observar que mesmo com uma velocidade de fala (medida em SPM) muito maior à do locutor, e com somente um terço do tempo de pausas, em relação ao locutor, o Sujeito 2 omite um total de 92 palavras do original, ou seja, quase 10%.

O Sujeito 1, em contraposição ao Sujeito 2, fala 6% de SPM *a menos* que o locutor. Deve-se, entretanto, levar em consideração o fato de que há, na interpretação do Sujeito 1, 229 ocorrências de omissões, ou seja, quase um quarto das palavras do discurso original não foi traduzido. Além disso, o tempo total de discurso (TTD), no Sujeito 1, é aproximadamente um minuto mais longo que o discurso em inglês, fato este que naturalmente também diminui a quantidade de sílabas faladas por minuto.

A IS do Sujeito 1 é tão mais longa que o discurso original primordialmente devido ao fato de que o intérprete, depois de o locutor ter terminado seu discurso, continuou falando, numa tentativa de recuperar partes da última frase que, primeiro, tinha perdido devido a um atraso em relação ao original.

Para efeito de comparação, analisamos também a tradução escrita do discurso de Colin Powell, publicada na homepage oficial da Embaixada Americana em Brasília<sup>14</sup>. Isto, com a finalidade de estabelecer, tentativamente, a quantidade de sílabas que seria necessária para produzir uma interpretação sem omissões, uma vez que se supõe que o tradutor tenha tido tempo disponível o suficiente e todos os recursos necessários para elaborar uma tradução bastante precisa<sup>15</sup> do texto original.

---

<sup>14</sup> <http://www.embaixadaamericana.org.br/iraq/intro.php>

<sup>15</sup> Estamos apenas nós referindo à ocorrência ou não de omissões na tradução e não à qualidade desta.

Uma contagem de sílabas desta tradução mostrou que ela contém um total de 2102 sílabas, ou seja, 36% mais sílabas que o original. Isto significa que o intérprete simultâneo teria que falar, no mínimo, 36% mais sílabas que a versão em inglês para realizar uma IS sem omissões.

Segundo estudo realizado por Zackiewicz (1999), a velocidade da fala normal, no português do Brasil, está em torno 218,8 a 256,5 SPM. Comparando esses dados à velocidade de fala do sujeito profissional, que foi quem menos omitiu elementos em relação ao original, vemos que a quantidade de SPM registrada na sua IS está 24% mais alta que na fala normal, se comparado ao mais alto dos índices da fala normal, 256,5 SPM, e nada menos que 45% mais alta se comparado ao índice mais baixa de 218,8 SPM.

Isto ainda deve ser visto à luz do fato de que os intérpretes não devem produzir sua fala na IS da mesma maneira que falam numa situação de comunicação normal e tampouco devem “escutar” da mesma forma que escutam em silêncio (sem reproduzir, simultaneamente, o discurso na língua alvo). Por isso, intérpretes com a capacidade de processar discursos a uma velocidade de, por exemplo, 250 sílabas por minuto, não têm a mesma capacidade na IS, uma vez que precisam distribuir seus esforços entre várias tarefas ao mesmo tempo.

Se considerarmos o fato de que o Sujeito 2 fala entre 24 a 45% mais rápido que a fala normal, e ainda precisa dividir seus esforços entre várias tarefas, e se ainda juntarmos isso ao fato de que, para realizar uma IS sem omissões do discurso em questão, o intérprete precisaria falar, no mínimo, 36% mais rápido que o locutor, uma certa porção de omissões na IS parece praticamente inevitável, independentemente da capacidade do intérprete.

Pode-se ainda argumentar que uma certa porção de omissões na IS, nestas circunstâncias, talvez até possa ser vantajosa (desde que se tratem de omissões de

elementos pouco importantes ao sentido geral do enunciado) para que o intérprete não precise "entrar numa corrida" contra o orador e produzir uma velocidade de fala muito mais alta que na fala normal, situação esta que, além de ser menos agradável à escuta do receptor, até pode dificultar a compreensão do discurso.

## Considerações finais

A interpretação simultânea enquanto objeto de investigação científica une a complexidade da compreensão e produção da linguagem com a do comportamento humano que é determinado e influenciado por fatores muito diversos. Conseqüentemente, antes de se poder fazer conclusões definitivas baseadas em pesquisa, um número muito considerável de situações e variáveis precisa ser estudado.

Entretanto, mais do que objetivar desvendar todas as facetas e problemáticas da IS, este trabalho serviu para mostrar sua riqueza e complexidade enquanto objeto de estudo. Portanto, se a introdução apresentou este trabalho como um passo inicial de uma grande discussão, na conclusão não se pode apresentar verdade absoluta e acabada. Ao contrário, pretende-se apresentar, sumariamente, os resultados obtidos na análise e, com eles, abrir as portas para futuras pesquisas no campo da interpretação simultânea.

Para que seja possível tecer as considerações finais relativas à pesquisa realizada, faz-se necessário, primeiro, retomar os objetivos propostos para esta dissertação. Para o desenvolvimento do presente trabalho, partimos da hipótese de que a ocorrência de omissões na IS possa originar-se de propriedades intrínsecas das línguas envolvidas. Com base nesta suposição, nos propusemos a responder à seguinte pergunta: Quais são os fatores lingüísticos que podem causar omissões na interpretação simultânea? Acreditamos ter achado, no decorrer da investigação empreendida, algumas respostas para esta pergunta, as quais serão mapeadas nesta parte final.

Foi-nos possível estabelecer, na análise do **nível léxico-semântico**, uma relação de causalidade entre a ocorrência de algumas das omissões registradas e a presença, no

discurso original, de palavras com baixa redundância, como os nomes próprios, e palavras que apresentam falta de transparência, como os *phrasal verbs*.

Devido à pressão de tempo inerente à tarefa da IS, a tradução de uma palavra por outra precisa ocorrer de forma praticamente instantânea e automática para que não haja omissões, uma vez que se deter demasiadamente em um elemento pode acabar comprometendo outro. Há, portanto, muito pouco espaço e tempo para as “manobras mentais” necessárias para decifrar e repensar o significado de uma palavra quando este difere do seu uso mais comum. Por isso, a transparência do significado é, sem dúvida, crucial para o êxito da IS, fato este que se evidenciou claramente no exemplo do *phrasal verb* “to turn over” que, conforme a descrição do sujeito, “travou o sistema”, resultando em uma série de omissões.

Com relação ao **nível sintático** na IS, foram apresentadas algumas das dificuldades originadas de interpretar entre línguas sintaticamente diferentes. Na nossa análise, foram focalizados os sintagmas nominais com vários modificadores adnominais que, no inglês, tipicamente apresentam uma estrutura de ramificação à esquerda e, no português, à direita. Esta diferença estrutural entre o inglês e o português significa que o intérprete simultâneo precisa fazer uma pausa e esperar até ouvir a última palavra do sintagma para depois processá-lo, de trás para frente, invertendo a ordem das palavras.

Os dados da análise nos permitem sustentar a hipótese de que tais inversões da ordem das palavras sejam desencadeadores de problemas em potencial uma vez que elas podem sobrecarregar a memória do intérprete e forçá-lo a cometer omissões na sua produção.

Ao focar o **nível fonético**, identificamos algumas características lingüísticas do inglês que possivelmente possam originar dificuldades na IS que, por sua vez, podem

resultar em omissões. Mostramos como a redução de vogais e o monossilabismo do inglês podem afetar negativamente a percepção e reconhecimento das palavras pronunciadas, uma vez que exigem uma maior acuidade por parte do intérprete. Embora não tenha sido possível, a partir dos dados do experimento, estabelecer nenhuma relação de causalidade entre as omissões registradas nas interpretações e os fatores fonéticos abordados, não podemos, entretanto, descartar a influência destes na IS.

O último fator lingüístico descrito neste estudo, **as variáveis temporais** na IS, ganhou destaque na nossa análise por constituírem um fator que influencia diretamente todos os outros aqui abordados. A partir de uma tradução escrita do discurso original, calculamos a quantia de sílabas que seria necessária para produzir uma interpretação sem omissões, e concluímos que o intérprete simultâneo teria que falar aproximadamente 36% mais sílabas que na versão em inglês.

Com base nisso, e nos dados obtidos da medição da velocidade da fala dos dois sujeitos em relação ao locutor, argumentamos que uma certa porção de omissões na IS parece não só praticamente inevitável mas talvez também até vantajosa para o receptor do discurso uma vez que pode promover-lhe a compreensão.

A nossa análise forneceu algumas evidências de que os fatores lingüísticos aqui abordados, que na tradução escrita provavelmente não representariam as mesmas dificuldades ao tradutor, podem constituir possíveis desencadeadores de problemas, no contexto da IS, e como tais podem resultar em omissões na produção do intérprete.

A abrangência e complexidade da interpretação simultânea, enquanto objeto de estudo, permite uma infinidade de recomendações para futuros trabalhos, algumas das quais serão apresentadas a seguir.

## Sugestões para futuros trabalhos

Durante a elaboração deste trabalho, várias questões surgiram, e algumas merecem destaque, pois podem ser objetivos para futuros trabalhos de pesquisadores na área.

O presente estudo não levou em consideração aspectos da subjetividade latente nas escolhas do intérprete, por estarem além dos objetivos propostos. Porém, tais aspectos constituem temas relevantes para serem desenvolvidos em trabalhos posteriores, principalmente no que concerne às estratégias tradutórias na IS.

Além disso, sugere-se o desenvolvimento dos seguintes itens:

- Construir um discurso, a ser usado no experimento, com uma ocorrência alta de um determinado tipo de palavra ou estrutura potencialmente problemáticos, para analisar os efeitos destes na produção do intérprete.
- Examinar a influência da subjetividade nas escolhas do intérprete, focalizando o papel do sujeito na comunicação.
- Reproduzir o experimento com uma maior amostra de sujeitos de pesquisa.
- Investigar e contrastar as diferenças entre a produção de um intérprete profissional e um não-profissional, com a finalidade de estudar possíveis diferenças na utilização de estratégias tradutórias.
- Realizar um estudo sobre a qualidade na IS: em que consiste uma “boa interpretação”, do ponto de vista dos intérpretes e dos receptores do discurso?
- Examinar como a disponibilidade do texto completo a ser interpretado (entregue somente na hora da IS) influi a tarefa do intérprete.
- Pesquisar o efeito de variações na velocidade da fala do locutor.

## Referências Bibliográficas

- ABERCROMBIE, D. (1967): *Elements of General Phonetics*, Edinburgh University Press.
- ALEXIEVA, Bistra (1992): *Types of Texts and Intertextuality in Simultaneous Interpreting*, In: SNELL-HORNBY, Mary et al. (eds.), 179-187
- ANDERSON, R. Bruce W. (1978): *Interpreter Roles and Interpretation Situations. Cross-Cutting Typologies*. In: Gerver & Sinaiko (eds.), (1978), 217-229.
- APIC (sem ano): <http://www.apic.org.br/historico.htm>, acessado no dia 17 de agosto, 2003.
- BERTONE, Laura (1989): *En torno de Babel - Estrategias de interpretación simultánea*, Buenos Aires, Hachette.
- BOWEN, Margareta, et al. (1998): *Os Intérpretes que fizeram a História*, In: DELISLE, Jean & WOODSWORTH, Judith (orgs.) (1998), 257-292.
- CHERNOV, Ghelly V. (1979): *Semantic aspects of psycholinguistic research in simultaneous interpretation*, *Language and Speech*, 22, pp. 277-295.
- (1994): *Message Redundancy and Message Anticipation in Simultaneous Interpretation*, In: LAMBERT, Sylvie & MOSER-MERCER, Barbara (eds.) (1994), 139-153.
- COLOMBO, Cristóvão (1986): *Diários da Descoberta da América – As quatro viagens e o testamento*, Porto Alegre, L & PM Editores, 1984.
- DARÓ, Valeria (1994): *Non-Linguistic factors Influencing Simultaneous Interpretation*, In: LAMBERT, Sylvie & MOSER-MERCER, Barbara (1994), pp. 249-271.
- DÉJEAN LE FÉAL, Karla (1978): *Lectures et Improvisations. Incidences de la forme de l'énonciation sur la traduction simultanée français-allemand*. Tese de doutorado, Universidade de Paris III (não publicada).
- DELISLE, Jean & WOODSWORTH, Judith (orgs.) (1998): *Os Tradutores na História*, São Paulo, Editora Ática.
- DILLINGER, Mike (1994): *Comprehension during Interpreting: What do Interpreters know that Bilinguals don't?*, In: LAMBERT, Sylvie & MOSER-MERCER, Barbara (1994), pp. 155-189.
- DOLLERUP, Cay & LODDEGAARD, Anne (eds.) (1992): *Teaching Translation and Interpreting – Training, Talent and Experience*, Amsterdã/Filadélfia, John Benjamins Publishing Company.

EL-DASH, Linda Gentry (1993): *Compreensão auditiva em língua estrangeira: efeito de visuais e atitudes*. Tese de doutorado, Unicamp (não publicada).

FAERCH, Claus & KASPER, Gabriele (eds.) (1987): *Introspection in Second Language Research*, Cleveon, Multilingual Matters.

FRANKENBERG-GARCIA, Ana (2002): *Using a parallel corpus to analyse English and Portuguese translations*.  
<http://www.linguateca.pt/Repositorio/FrankenberGarcia2002b.doc>, acessado no dia 12 de janeiro de 2005.

GARZONE, Giuliana & VIEZZI, Maurizio (eds.) (2002): *Interpreting in the 21<sup>st</sup> Century: Challenges and Opportunities: Selected Papers from the 1<sup>st</sup> Forlì Conference On Interpreting Studies, 9-11 November 2000*, Amsterdã/Filadélfia, John Benjamins Publishing Company.

GERLOFF, Pamela (1987): *Identifying the Unit of Analysis in Translation: Some Uses of Think-Aloud Protocol Data*, In: FAERCH, Claus & KASPER, Gabriele (eds.), (1987), p. 135-158).

GERVER, David 1975. *A Psychological Approach to Simultaneous Interpretation*. In: META 20/2, pp. 119-128.

GERVER, David & Sinaiko, H. Wallace (eds.) (1978): *Language Interpretation and Communication*, Nova Iorque, Plenum Press.

GILE, Daniel (1988): *An Overview of Conference Interpretation Research and Theory*, In: HAMMOND, D. (ed.): American Translators Association Conference 1988, Medford, NJ: Learned Information, pp. 363-372.

----- (1994): *Opening up in Interpretation Studies*, In: SNELL-HORNBY, Mary, PÖCHHACKER, Franz & KAINDL, Klaus (eds.), (1994), p. 149-158.

----- (1995): *Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training*, Amsterdã/Filadélfia, John Benjamins Publishing Company.

----- (2001): *Interpreting Research – What you never wanted to ask but may like to know*, Communicate 11, abril: [www.aiic.net/ViewPage.cfm?page\\_id=341](http://www.aiic.net/ViewPage.cfm?page_id=341), acessado no dia 17 de agosto, 2003.

GRBIC, Nadja (2000): *Some Methodological Questions and Critical Comments Concerning Sign Language Interpreting Research*, In: Issues in Interpreting Research II: Dialogue and Sign Language Interpreting. Disponível no site: <http://www.ccl.umist.ac.uk/events/conference/interpreting2.htm>, acessado no dia 5 de março, 2003.

GREENBLATT, Stephen (1991): *Marvelous Possessions: The wonder of the New World*, Chicago, University of Chicago press.

HOUAISS (2001): *Dicionário Eletrônico HOUAISS da Língua Portuguesa*, versão 1.0.

IBEROLENGUAS (sem ano): O Foro Lingüístico Ibero-americano  
[http://www.iberolenguas.com/marco\\_luso.htm](http://www.iberolenguas.com/marco_luso.htm), acessado no dia 17 de agosto de 2003.

JONES, Roderick (2002): *Conference Interpreting Explained*, Manchester, St. Jerome Publishing.

KADE, Otto (1967): *Zu einigen Besonderheiten des Simultandolmetschens*. In: *Fremdsprachen* 11 (1967) 1, 8-17.

----- (1968): *Kommunikationswissenschaftliche Probleme der Translation*. In: *Beihefte zur Zeitschrift Fremdsprachen II*, VEB Verlag Leipzig, 3-19.

----- (1980): *Die Sprachmittlung als gesellschaftliche Erscheinung und Gegenstand wissenschaftlicher Untersuchung*. *Übersetzungswissenschaftliche Beiträge* 3. Leipzig, VEB Verlag Enzyklopädie.

KALINA, Sylvia (1998): *Strategische Prozesse beim Dolmetschen – Theoretische Grundlagen, empirische Fallstudien, didaktische Konsequenzen*, Tübingen, Gunter Narr Verlag.

KOCH, Andreas (1992): *Übersetzen und Dolmetschen im ersten Nürnberger Kriegsverbrecherprozess*. In: *Lebende Sprachen* 37 (1992) 1, 1-7.

KURZ, Ingrid (1985): *The Rock Tombs of the Princes of Elphantine - Earliest references to interpretation in Pharaonic Egypt*, *Babel*, 31, 4.

----- (1986): *Dolmetschen im alten Rom*, *Babel*, 32, 4.

LAMBERT, Sylvie & MOSER-MERCER, Barbara (1994): *Bridging the Gap – Empirical Research In Simultaneous Interpreting*, Amsterdã/Filadélfia, John Benjamins Publishing Company.

LEDERER, Marianne (1981): *La Traduction simultanée - expérience et théorie*, Paris, Lettres Modernes.

LEE, Tae-Hyung (1999): *Simultaneous Listening and Speaking in English into Korean Simultaneous Interpretation*, In: *META* 44/4, pp. 560-572.

LÖRSCHER, Wolfgang (1991): *Translation performance, translation process, and translation strategies: a psycholinguistic investigation*, Tübingen, Gunter Narr Verlag.

----- (1996): *A Psycholinguistic Analysis of Translation Processes*, In: *Meta*, 41/1, pp. 26-32.

METCALF, Alida C. (2002): *Women as Go-Betweens in Sixteenth-Century Brazil*, Disponível no site: [http://www.yale.edu/las/imperial\\_revisions/Metcalf.doc](http://www.yale.edu/las/imperial_revisions/Metcalf.doc), acessado no dia 17 de agosto, 2003.

- NEBRIJA, Antonio de (1946): *Gramatica Castellana*, Madri, Junta del Centenario.
- NISKA, Helge (1999): *Text Linguistic Models for the Study of Simultaneous Interpreting*, Stockholm University: <http://www.geocities.com/~tolk/lic/LIC990329.htm>, acessado no dia 18 de agosto, 2003.
- NUNAN, David (1992): *Research Methods in Language Learning*, Cambridge, Cambridge University Press.
- PADILLA, Presentación & MARTIN, Anne (1992): *Similarities and Differences between Interpreting and Translation: Implications for teaching*, In: DOLLERUP, Cay & LODDEGAARD, Anne (eds.) (1992), pp. 195-203.
- PÖCHHACKER, Franz (1992): *The Role of Theory in Simultaneous Interpreting*, In: DOLLERUP, Cay & LODDEGAARD, Anne (eds.) (1992), pp. 211-220.  
 ----- (1995): "Those Who Do...": *A Profile of Research(ers) in Interpreting*, In: TARGET, 7:1, 1995 (47-64).
- REISS, Katharina & Vermeer, Hans J. (1984): *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*. Linguistische Arbeiten 147. Tübingen, Max Niemeyer.
- RICCARDI, Alessandra (2002): *Interpreting Research: Descriptive Aspects and Methodological Proposals*, In: GARZONE, Giuliana & VIEZZA, Maurizio (eds.), (2002), 15-27.
- RICHARDS, Jack, John Platt & Heidi Weber (1985): *Longman Dictionary of Applied Linguistics*, Londres, Longman.
- RUDD, Denise & FRASER, Janet (2000): *Voice Linguists on the Record: An Introspective Investigation of Foreign-Language Transcribers at Work*, In: Meta, XLV, 2. (193-209)
- SALEVSKY, Heidemarie (1992a): *Wissenschaftliche Grundlagen der Sprachmittlung*. Berliner Beiträge zur Übersetzungswissenschaft. Frankfurt a.M., Peter Lang.  
 ----- (1992b): *Dolmetschen – Objekt der Übersetzungs- oder Dolmetschwissenschaft?*. In: SALEVSKY 1992a, 85-117.

SCHÄFFER, Ana Maria de Moura (2000): *Reflexões sobre o papel da tradução (mental) no desenvolvimento da leitura em língua estrangeira*, Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP: [s.n.].

SCHJOLDAGER, Anne (1995): *Interpreting Research and the 'Manipulation School' of Translation Studies*, In: TARGET, 7:1, 1995. (29-45).

SCHÜTZ, Ricardo (2004): *Diferenças de Pronúncia entre Inglês e Português*. English Made in Brazil <http://www.sk.com.br/sk-pron.html> Online. 26 de agosto de 2004.

SHLESINGER, Miriam (1999): *Norms, Strategies and Constraints: How do we tell them apart?* In: LUGRIS, A.A & OCAMPO, A. F. (eds.): *Anovar/Anosar: Estudios de Traducción E Interpretacion*. Vigo, Universidade de Vigo, 1999, p. 65-77.

SNELL-HORNBY, Mary, PÖCHHACKER, Franz & KAINDL, Klaus (eds.), (1994): *Translation Studies – An Interdiscipline*, Amsterdã/Filadélfia, John Benjamins Publishing Company.

STEINER, George (1975): *After Babel*. Londres, Oxford University Press.

TODOROV, Tzvetan (1996): *A Conquista da América – A questão do outro*, São Paulo, Martin Fontes.

VIK-TUOVINEN, Gun-Viol (2002): *Retrospection as a Method of Studying the Process of Simultaneous Interpreting*, In: GARZONE, Giuliana & VIEZZA, Maurizio (eds.) (2002), p. 65-73.

ZACKIEWICZ, DV (1999): *Avaliação quantitativa e qualitativa das disfluências em indivíduos gagos e fluentes*. Dissertação de Mestrado. Fisiopatologia Experimental. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (não publicado).

# APÊNDICE

## ANEXO 1

Comparação entre as transcrições da IS de Sujeito 1 e o discurso original de Colin Powell

Mr. President, Mr. Secretary General, distinguished colleagues, I would like to begin by  
Senhora Presidente, Senhor Secretário Geral, colegas, eu gostaria de começar

expressing my thanks for the special effort that each of you made to be here today.  
agradecendo o esforço especial que cada um de vocês fez para estar aqui hoje,

This is an important day for us all as we review the situation with respect to Iraq  
(isso) é um dia muito especial hoje quando nós revemos a situação do Iraque

and its disarmament obligations under U.N. Security Council Resolution 1441.  
e as suas obrigações em relação ao Conselho de Segurança e a Resolução 1441.

Last November 8, this council passed Resolution 1441 by a unanimous vote.  
Em 8 de novembro, este Conselho passou a Resolução 1441 por voto unânime.

The purpose of that resolution was to disarm Iraq of its weapons of mass destruction.  
O propósito era desarmar o Iraque das suas armas de destruição em massa.

Iraq had already been found guilty of material breach of its obligations, stretching back  
over 16 previous resolutions and 12 years.

Iraque foi declarado culpado de violar 16 resoluções anteriores em 12 anos.

Resolution 1441 was not dealing with an innocent party

A Resolução 1441 não está lidando com um [...] com um inocente

but a regime this council has repeatedly convicted over the years.

e sim com um regime que foi condenado repetidamente.

Resolution 1441 gave Iraq one last chance, one last chance to come into compliance

A Resolução 1441 dá uma [...] a última chance para o Iraque

or to face serious consequences.

ou então o Iraque encontraria conseqüências sérias.

No council member present in voting on that day had any illusions about the nature and intent of the resolution or what serious consequences meant if Iraq did not comply.

[.....]

And to assist in its disarmament, we called on Iraq to cooperate with returning inspectors from

Para ajudar no desarmamento de Iraque, nós pedimos a esse país para que [...] para que inspetores fossem ao país [...]

UNMOVIC and IAEA.

[....]

We laid down tough standards for Iraq to meet to allow the inspectors to do their job. e determinamos padrões rígidos para que o Iraque [...] aceitasse as resoluções da ONU.

This council placed the burden on Iraq to comply and disarm and not on the inspectors to find that which Iraq has gone out of its way to conceal for so long.

[.....]

Inspectors are inspectors; they are not detectives.

Inspetores são inspetores, não são detetives.

I asked for this session today for two purposes:

Eu peço essa sessão [...] eu pedi essa sessão hoje por duas razões:

First, to support the core assessments made by Dr. Blix and Dr. ElBaradei.

primeiro [...] para apoiar as resoluções feitas pelo senhor [...] o senhor [...]

As Dr. Blix reported to this council on January 27th,

no dia 27 de janeiro,

quote: "Iraq appears not to have come to a genuine acceptance,

o Iraque parece não ter chegado a uma [...] a aceitar genuinamente

not even today, of the disarmament which was demanded of it." Unquote.

o seu desarmamento que [...] o desarmamento que lhe foi pedido. Fecha aspas.

And as Dr. ElBaradei reported, Iraq's declaration of December 7,

O senhor Baradei disse, de 7 de dezembro, que a sua [...] a declaração de Iraque

quote: "did not provide any new information relevant to certain questions that have been outstanding since 1998."

não trouxe nenhuma informação nova a respeito das questões que nós vemos fazendo desde 1996.

My second purpose today is to provide you with additional information, to share with you what

O segundo propósito meu hoje é dividir informações com vocês, dividir o que

the United States knows about Iraq's weapons of mass destruction as well as Iraq's involvement

os Estados Unidos sabem sobre as armas de destruição em massa de Iraque e o seu envolvimento

in terrorism, which is also the subject of Resolution 1441 and other earlier resolutions.

em terrorismo o que é também o assunto da Resolução 1441 e outras resoluções anteriores.

I might add at this point that we are providing all relevant information

Gostaria de adicionar nesse momento que nós estamos dando toda a informação

we can to the inspection teams for them to do their work.

que nós podemos ao time de inspetores para que eles façam seu trabalho.

The material I will present to you comes from a variety of sources. Some are U.S. sources.

O material que vou lhes apresentar hoje vem de diversas fontes, algumas fontes são americanas

And some are those of other countries.

as outras são de outros países.

Some of the sources are technical, such as intercepted telephone conversations

Algumas delas são técnicas, como por exemplo grampos telefônicos

and photos taken by satellites. Other sources are people who have risked their lives

e fotos de satélite. Outras fontes são pessoas que arriscaram suas vidas

to let the world know what Saddam Hussein is really up to.  
para mostrar ao mundo o que Saddam Hussein é capaz de fazer.

I cannot tell you everything that we know. But what I can share with you,  
Eu não posso lhes dizer tudo que nós sabemos mas o que posso dividir com vocês, [..]

when combined with what all of us have learned over the years, is deeply troubling.  
junto com tudo que nós aprendemos nos anos que passaram é profundamente perturbador.

What you will see is an accumulation of facts and disturbing patterns of behavior.  
O que nós vimos foram [..] foi dissimulação e padrões de comportamento estranhos,

The facts on Iraq's behavior demonstrate that Saddam Hussein and his regime have made  
no effort -- no effort to disarm as required by the international community.

esse comportamento, comportamento do Iraque mostra que o regime de Saddam Hussein  
não fez esforço nenhum para se desarmar perante a comunidade internacional,

Indeed, the facts and Iraq's behavior show that Saddam Hussein and his regime are  
na verdade o comportamento do Iraque mostra que Saddam Hussein e seu regime está

concealing their efforts to produce more weapons of mass destruction.  
escondendo na verdade o que são esforços para produzir mais armas de destruição em  
massas.

Let me begin by playing a tape for you. What you're about to hear is a conversation  
Deixa eu começar a lhe mostrar, por lhe mostrar uma fita, é uma conversa

that my government monitored. It takes place on November 26 of last year, on the day before

entre membros do governo, de novembro [...] 26 de novembro no ano passado quando [...]

United Nations' teams resumed inspections in Iraq.

[.....]

The conversation involves two senior officers, a colonel and a brigadier general, from Iraq's elite military unit, the Republican Guard.

A conversa envolve dois [.....] dois representantes sêniores do, do, da, da [...] Guarda Republicana do Iraque.

.....

As you will recall,

Como se sabe,

the inspectors found 12 empty chemical warheads on January 16.

em janei.... em 16 de janeiro foram encontradas armas químicas

On January 20, four days later, Iraq promised the inspectors it would search for more.

e 20 de janeiro os irquianos prometeram mostrar mais [...] dessas armas químicas.

You will now hear an officer from Republican Guard headquarters issuing an instruction to an officer in the field. Their conversation took place just last week on January 30.

Esta fita é uma conversa entre dois oficiais do Iraque que aconteceu na semana passada no dia 30 de janeiro. [...] Uma das pessoas era um oficial de campo.

.....

This message would have verified to the inspectors that they have been trying to turn over things.

Essa mensagem teria verificado aos inspetores de que na verdade [.....]

They were looking for things. But they don't want that message seen, because they were trying to clean up the area to leave no evidence behind of the presence of weapons of mass destruction. And they can claim that nothing was there. And the inspectors can look all they want, and they will find nothing.

[.....] na verdade o que os oficiais queriam era não deixar nenhuma evidência e sim simplesmente limpar a área e se certificar de que os inspetores não veriam essas munições proibidas.

This effort to hide things from the inspectors is not one or two isolated events, quite the contrary.

Essa tentativa de esconder as coisas dos inspetores não é um fato isolado. Pelo contrário.

This is part and parcel of a policy of evasion and deception that goes back 12 years, a policy set at the highest levels of the Iraqi regime.

Isso é parte de uma política de evasão e de enganação que acontece há 12 anos nos níveis mais altos do governo iraquiano.

We know that Saddam Hussein has what is called, quote: "a higher committee for monitoring the inspections teams." Unquote.

Nós sabemos que Saddam Hussein tem o que é, entre aspas, [...] um um um time, um comité para monitorar os inspectores,

Think about that. Iraq has a high-level committee to monitor the inspectors who were sent in to monitor Iraq's disarmament.

na verdade são inspetores que vão que vão monitorar o seu desarmamento.

Not to cooperate with them, not to assist them, but to spy on them

Não para cooperar com eles mas para espioná-los

and keep them from doing their jobs.

e e não deixar que eles façam seu trabalho.

The committee reports directly to Saddam Hussein. It is headed by Iraq's vice president, Taha Yassin Ramadan. Its members include Saddam Hussein's son Qusay.

Os comité é é chefiado pelo vice presidente do Iraque e também pelo filho do Saddam Hussein, Qusay.

This committee also includes Lt. Gen. Amir al-Saadi, an adviser to Saddam.

Isso inclui também o General Amir al-Saadi, um conselheiro de Saddam,

In case that name isn't immediately familiar to you,  
caso esse nome não seja imediatamente familiar a vocês,

Gen. Saadi has been the Iraqi regime's primary point of contact for Dr. Blix and Dr. ElBaradei.

esse General tem sido o principal ponto de contato do regime iraquiano para o senhor Blix que é um inspetor da ONU.

It was Gen. Saadi who last fall (last fall) publicly pledged that

Isso, foi disso [...]

that Iraq was prepared to cooperate unconditionally with inspectors.

que o Iraque está preparado para cooperar incondicionalmente com os inspetores

Quite the contrary, Saadi's job is not to cooperate, it is to deceive; not to disarm, but to undermine the inspectors; not to support them, but to frustrate them and to make sure they learn nothing.

mas na verdade, a sua [...] o que o Iraque está tentando fazer é frustrar e não cooperar com esses inspetores.

## ANEXO 2

### Comparação entre as transcrições da IS de Sujeito 2 e o discurso original de Colin Powell

Mr. President, Mr. Secretary General, distinguished colleagues,

Senhor presidente, senhor secretário geral, caros colegas,

I would like to begin by expressing my thanks for the special effort that each of you made to be here today.

gostaria de começar agradecendo o esforço especial feito por cada um de vocês para estar aqui hoje.

This is an important day for us all as we review the situation with respect to Iraq and its disarmament obligations under U.N. Security Council Resolution 1441.

Esse é um dia muito importante para nós todos à medida que nós revemos a situação com respeito ao Iraque e suas obrigações de desarmamento de acordo com a Resolução 1441 do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Last November 8, this council passed Resolution 1441 by a unanimous vote.

No dia 8 de novembro, essa resolução foi [...] aprovada por voto unânime.

The purpose of that resolution was to disarm Iraq of its weapons of mass destruction.

Queremos desarmar o Iraque de suas armas de destruição em massa.

Iraq had already been found guilty of material breach of its obligations, stretching back over 16 previous resolutions and 12 years.

O Iraque foi considerado culpado por ter [...] não aceito essa obrigação em 16 resoluções anteriores em 12 anos.

Resolution 1441 was not dealing with an innocent party, but a regime this council has repeatedly convicted over the years.

A Resolução 1441 não tratava de um[...]a parte inocente mas o regime que esse conselho conseguiu recriminar durante vários anos.

Resolution 1441 gave Iraq one last chance, one last chance to come into compliance or to face serious consequences.

A resolução 1441 deu ao Iraque uma última oportunidade, uma última oportunidade de aceitar, acatar ou sofrer reprimendas graves.

No council member present in voting on that day had any illusions about the nature and intent of

the resolution or what serious consequences meant if Iraq did not comply.

Qualquer resolução e natureza e intenção dessa resolução ou [...] o que conseqüências sérias significam caso o Iraque não aceitasse.

And to assist in its disarmament, we called on Iraq to cooperate with returning inspectors from UNMOVIC and IAEA.

Para ajudar nesse desarmamento pedimos ao Iraque para cooperar, enviando novamente inspetores.

We laid down tough standards for Iraq to allow the inspectors to do their job.

Estipulamos critérios rígidos para que o Iraque permitisse aos inspetores realizarem esse trabalho.

This council placed the burden on Iraq to comply and disarm and not on the inspectors to find that which Iraq has gone out of its way to conceal for so long.

Esse conselho colocou toda a culpa no Iraque, o Iraque é que deveria se desarmar e não os inspetores que estavam fazendo tudo, algo que estava sendo escondido há tanto tempo.

Inspectors are inspectors; they are not detectives.

Inspetores são inspetores e não são detetives.

I asked for this session today for two purposes:

Eu pedi por esse sessão hoje por dois objetivos:

First, to support the core assessments made by Dr. Blix and Dr. ElBaradei.

Primeiro, para apoiar os as os comentários feitos pelo Doutor Bush e o Doutor El Baradei.

As Dr. Blix reported to this council on January 27th, quote:

Eles foram relatados em janeiro de, dia 27 de janeiro:

"Iraq appears not to have come to a genuine acceptance, not even today, of the disarmament which was demanded of it." Unquote.

“Parece que o Iraque não chegou a aceitar genuinamente, nem mesmo hoje, o desarmamento que foi requerido por parte deles”. Fim de citação.

And as Dr. ElBaradei reported, Iraq's declaration of December 7, quote: "did not provide any new information relevant to certain questions that have been outstanding since 1998."

Como o Doutor El Baradei relatou, no dia 7 de dezembro, eu cito, “O Iraque não deu novas informações relevantes a certas questões que não tinham sido respondidas desde 1998”.

My second purpose today is to provide you with additional information,

O meu segundo objetivo hoje é fornecer informação adicional,

to share with you what the United States knows about Iraq's weapons of mass destruction  
partilhar com vocês que os EU sabem que o Iraque tem armas de destruição em massa

as well as Iraq's involvement in terrorism, which is also the subject of Resolution 1441 and  
other earlier resolutions.

e está envolvido em terrorismo que também é o assunto da resolução 1441 bem como  
outras anteriores.

I might add at this point that we are providing all relevant information we can to the  
inspection teams for them to do their work.

Eu talvez possa acrescentar que estamos fornecendo todas as informações relevantes que  
podemos às equipes de inspeção para que eles possam realizar o seu trabalho.

The material I will present to you comes from a variety of sources.

O material que vou apresentar provém de uma série de fontes.

Some are U.S. sources. And some are those of other countries.

Algumas são fontes dos EU, algumas são de outros países.

Some of the sources are technical, such as intercepted telephone conversations and photos  
taken by satellites.

Algumas fontes são técnicas como por exemplo conversas telefônicas interceptadas e fotos  
tiradas por satélites.

Other sources are people who have risked their lives to let the world know what Saddam  
Hussein is really up to.

Outras fontes são de pessoas que arriscaram as suas vidas para que o mundo saiba o que  
Saddam Hussein está fazendo.

I cannot tell you everything that we know.

Não posso lhes dizer tudo, não posso revelar tudo que sabemos

But what I can share with you, when combined with what all of us have learned over the years, is deeply troubling.

mas posso partilhar com vocês o que aprendemos num...nesse anos, é uma coisa profundamente perturbadora.

What you will see is an accumulation of facts and disturbing patterns of behavior.

Verão um acúmulo de fatos, comportamentos,

The facts on Iraq's behavior demonstrate that Saddam Hussein and his regime have made no effort -- no effort -- to disarm as required by the international community.

o comportamento do Iraque demonstra que Saddam Hussein e seu regime não fez nenhum esforço para desarmar-se conforme foi estipulado pela comunidade internacional.

Indeed, the facts and Iraq's behavior show that Saddam Hussein and his regime are concealing their efforts to produce more weapons of mass destruction.

Aliás, o comportamento do Iraque demonstra que Saddam Hussein e seu regime estão escondendo o que estão fazendo, ou seja, produzindo armas em direção.... de destruição em massa.

Let me begin by playing a tape for you. What you're about to hear is a conversation that my government monitored. It takes place on November 26 of last year, on the day before United Nations' teams resumed inspections in Iraq.

Gostaria de dizer, mostrar a vocês uma conversa que foi gravada no dia 27 de novembro do ano passado, um dia antes que as equipes das Nações Unidas voltaram a fazer inspeções no Iraque.

The conversation involves two senior officers, a colonel and a brigadier general, from Iraq's elite military unit, the Republican Guard.

A conversa é entre dois oficiais, um coronel e um brigadeiro geral, da unidade militar da guarda republicana do Iraque, uma unidade de elite.

.....

As you will recall, the inspectors found 12 empty chemical warheads on January 16.

Os inspetores encontraram doze ogivas vazias no dia 16 de janeiro.

On January 20, four days later, Iraq promised the inspectors it would search for more.

No dia 20 de janeiro, 4 dias depois, Iraque prometeu aos inspetores que procurariam mais.

You will now hear an officer from Republican Guard headquarters issuing an instruction to an officer in the field.

Agora vocês ouvirão um oficial da guarda republicana emitir uma instrução a todos os oficiais no campo.

Their conversation took place just last week on January 30.

Esta conversa aconteceu na semana passada no dia 30 de janeiro.

-----

This message would have verified to the inspectors that they have been trying to turn over things.

Esta mensagem teria verifi... explicado aos inspetores que eles estavam tentando entregar as coisas,

They were looking for things.

estavam procurando as coisas.

But they don't want that message seen, because they were trying to clean up the area to leave no evidence behind of the presence of weapons of mass destruction.

Mas eles não querem que essa mensagem seja vista porque eles estavam tentando limpar a área para não deixar nenhuma prova para trás, a presença de armas de destruição de massa.

And they can claim that nothing was there. And the inspectors can look all they want, and they will find nothing.

E eles podem dizer que nada estava lá, que os inspetores poderão procurar o que quiserem e nada encontrarão.

This effort to hide things from the inspectors is not one or two isolated events, quite the contrary.

Esse princípio de esconder coisas dos inspetores não é um evento isolado, pelo contrário.

This is part and parcel of a policy of evasion and deception that goes back 12 years, a policy set at the highest levels of the Iraqi regime.

Isso faz parte intrínseca de uma política de evasão e de engano que já existe há 12 anos. Políticas estabelecidas nos mais altos escalões do regime de Saddam Hussein,

We know that Saddam Hussein has what is called, quote: "a higher committee for monitoring the inspections teams." Unquote.

é o que nós chamamos um comité mais alto para monitorar os times de inspeção. Fim de citação.

Think about that. Iraq has a high-level committee to monitor the inspectors who were sent in to monitor Iraq's disarmament.

Pensem nisso. O Iraque tem um nível de al... tem um comité de alto nível que foi enviado para monitorar o desarmamento do Iraque.

Not to cooperate with them, not to assist them, but to spy on them and keep them from doing their jobs.

Não para cooperar, não para assistir, para ajudar, mas para enganá-los e impedir que façam o seu trabalho.

The committee reports directly to Saddam Hussein.

E eles se...ele está diretamente subordinado a Saddam Hussein.

It is headed by Iraq's vice president, Taha Yassin Ramadan. Its members include Saddam Hussein's son Qusay.

Haya Hassin Ramadan é seu chefe, é o presidente. Os filhos de Saddam Hussein fazem parte.

This committee also includes Lt. Gen. Amir al-Saadi, an adviser to Saddam.

Isso também inclui o tenente coronel Amir Al-Saadi.

In case that name isn't immediately familiar to you, Gen. Saadi has been the Iraqi regime's primary point of contact for Dr. Blix and Dr. ElBaradei.

Caso esse nome não seja um nome conhecido de vocês, o general Saadi esteve nos regimes iraquianos, foi o principal ponto de contato para o Doutor Blix e o Doutor el Baradei, foi o [...]

It was Gen. Saadi who last fall (last fall) publicly pledged that Iraq was prepared to cooperate unconditionally with inspectors.

Foi o [...] Saadi que no ano passado disse, publicamente, que o Iraque estava preparado a cooperar incondicionalmente.

Quite the contrary, Saadi's job is not to cooperate, it is to deceive; not to disarm, but to undermine the inspectors; not to support them, but to frustrate them and to make sure they learn nothing.

Mas o trabalho de Saadi não é cooperar, é enganar, não desarmar e sim enganar, frustrar os inspetores, para deixá-lo certos de que não são nada.